



VALOR ESTÉTICO DO FUTEBOL

O olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo

Daniel Jorge Neri Marinho

Porto, 2007

VALOR ESTÉTICO DO FUTEBOL

O olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Desporto de Rendimento – Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Oliveira Lacerda e co - orientação do Professor Doutor Júlio Manuel Garganta da Silva.

DANIEL JORGE NERI MARINHO

Porto, Novembro de 2007

FICHA DE CATALOGAÇÃO:

Neri Marinho, D. (2007). *Valor estético do Futebol: o olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo*. Porto: D. Neri Marinho. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, ESTÉTICA DO JOGO, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

*Dedico este trabalho à minha família,
Marília, Pai, Mãe, Geninha, Nádia e Isabel.*

AGRADECIMENTOS

À professora Teresa Lacerda pelo interesse, disponibilidade, paciência, rigor e respeito.

Ao professor Júlio Garganta, exemplo de profissionalismo, pela disponibilidade e respeito intelectual.

A todos os entrevistados pelo interesse, disponibilidade e prestabilidade.

À Marília, mulher, amor e amiga na caminhada...

À minha família, Pai, Mãe, Geninha, Nádia e Isabel, pelo apoio que nunca o senti ausente...

Aos amigos e colegas com quem partilhei, enriqueci, sistematizei...

ÍNDICE GERAL

RESUMO	IX
ABREVIATURAS	XI
INTRODUÇÃO	3
1 REVISÃO DA LITERATURA	9
1.1 FUTEBOL	9
1.2 ESTÉTICA DO FUTEBOL	13
1.2.1 Experiência estética	16
1.2.2 Traços da cultura (jogo) contemporânea(o)	20
1.2.2.1 <i>Produção – consumo</i>	23
1.2.2.2 <i>Ciência - técnica</i>	26
2 METODOLOGIA	33
2.1 GRUPO DE ESTUDO	33
2.2 INSTRUMENTO	34
2.3 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DA ENTREVISTA	36
2.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO	38
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	47
3.1 CATEGORIA A – BOLA	47
3.2 CATEGORIA B – ESPECTÁCULO	48
3.3 CATEGORIA C – JOGO	52
3.3.1 Subcategoria C1 – Estilo de Jogo	52
3.3.2 Subcategoria C2 – Momentos do Jogo	54
3.3.3 Subcategoria C3 – Eficácia	59
3.3.4 Subcategoria C4 – Técnica / Acções Individuais	61

3.3.5 Subcategoria C5 – Tática / Acções Colectivas	63
3.4 CATEGORIA D – VITÓRIA DERROTA.....	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	73
5 BIBLIOGRAFIA	83
ANEXOS	

RESUMO

Em tempo de globalização, de esbatimento de fronteiras, o Futebol se constitui catalizador e produto. Durante o seu trajecto evolutivo foi-se assumindo como espectáculo e, actualmente, é um dos produtos desta indústria mais consumidos por todo o mundo. Neste espectáculo, como em qualquer um, existe um *sujeito e um objecto* mas também uma dialéctica que os une e implica. Jogo, não é apenas o que decorre no relvado, esse sem dúvida que existe, mas existe também aquele que decorre em cada espectador, em cada olhar que sente o pulsar das forças do momento. É esta união que nos interessa perceber, tendo sido o objectivo do presente estudo identificar quais as formas das forças do jogo que seduzem o olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo de Futebol.

O grupo de estudo integra cinco treinadores da primeira divisão, dois investigadores no âmbito do Futebol e um jornalista da especialidade.

Foi utilizada a entrevista semi-directiva para a recolha das informações, tendo-se procedido à análise de conteúdo das transcrições (Cassorla, 2003; Ghiglione e Matalon, 2005; Turato, 2003), da qual emergiram 4 categorias: Bola; Espectáculo; Jogo; Vitória Derrota.

A análise e discussão dos resultados permitiu constatar que: (1) o valor estético do jogo depende da bola, do relvado, da grandiosidade do jogo, do elo emocional que liga o apreciador ao jogo; (2) se espera que este espectáculo proporcione momentos de alegria, satisfação, beleza, valores associados a uma estética do belo; (3) qualquer momento do jogo tem valor estético, sendo que o ataque e, dentro deste, o golo, são os momentos com mais valor estético; (4) o golo é, de todos, o clímax do jogo; (5) o valor estético do jogo não se confina às acções individuais, as acções colectivas demonstram, também, valor estético; (6) o valor estético da vitória e da derrota não emana apenas do resultado, mas também do que se produz para o alcançar.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, ESTÉTICA DO JOGO, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

ABREVIATURAS

FIFA – Federação Internacional de Futebol Associação

J – Jornalista

PU1 – Professor universitário 1

PU2 - Professor universitário 2

T1 – Treinador 1

T2 – Treinador 2

T3 – Treinador 3

T4 – Treinador 4

T5 – Treinador 5

T6 – Treinador 6

INTRODUÇÃO

O Futebol é um fenómeno à escala mundial, sendo mesmo um forte exemplo de globalização. É uma modalidade desportiva que se foi assumindo como indústria de espectáculo e actualmente é um dos produtos desta indústria mais consumidos por todo o mundo.

Não podemos deixar de notar que deste espectáculo desportivo, se tende a estudar o próprio jogo e nunca a sua apreciação. Estudam-se aspectos técnicos, táticos, fisiológicos, psicológicos, estratégicos, gestão de grupo, etc., na tentativa de cartografar o jogo e orientar quem directamente participa nele, mas não se estuda o jogo percebido por quem aprecia.

Se considerarmos que neste espectáculo existe o *objecto* que é observado – o jogo, e o *sujeito* que observa – o observador, percebemos que tendemos para o *objecto*, jogo. Descurar a apreciação de quem observa, *sujeito*, é descurar parte integrante do espectáculo, pois o sujeito não está desconectado do objecto, o observador não está desconectado do jogo.

Se do jogo reescrevemos a sua história por estatísticas e resultado final, perdemos então todo o espectáculo, perdemos o que em nós foi realmente significativo, o que nos leva a considerar não só o jogo, ou o espectador, mas essencialmente a relação e o significado dessa relação. É deste significado que trata o presente estudo.

Nesta dialéctica onde ambos tocam e são tocados, influenciam e são influenciados, o jogo, ganha significado no observador que o sente. Assim, esta experiência tem um carácter pessoal, pois o sentir desenvolve-se com o viver, e o viver é, em certa medida, autêntico, livre e espontâneo. Mas, o viver faz-se, invariavelmente, num ambiente cultural que, mesmo não sendo de uma cultura pura, porque não a há, é, ainda, um conjunto de princípios e valores partilhados que vão dando ao sentir um contexto para se manifestar.

Neste sentido, o observador do jogo, sente-o porque com ele privou, viveu e trocou. Íntimos portanto. Este sentimento estético do corpo vivido tem assim um cunho cultural, «traços» que estão no todo e estão na parte, que estão na sociedade e no jogo. «Traços» comuns que permitem e convidam ao

toque, à troca, ao deleite. “Cada sujeito percebe o jogo, as suas configurações, em função das aquisições anteriores e do estado presente. Perante o fenómeno jogo, o observador constrói uma *paisagem de observação*, entendida como um conjunto de estímulos organizados face ao «ponto de vista» que ele possui sobre o fenómeno.” (Garganta e Silva, 2000, p. 5)

No presente estudo, pretende-se olhar o Futebol na perspectiva do observador que percebe formas plenas de um significado subjectivo, demarcando-nos do analista que disseca o jogo na busca de uma lógica assente no resultado. Que formas são percebidas pelo observador com conhecimento aprofundado do jogo de Futebol? Para este observador, qual o valor estético do jogo? O que seduz a sua atenção?

O estudo tem por objectivo contribuir para o entendimento do valor estético do Futebol, identificando quais as *formas das forças*¹ do jogo que seduzem o olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo de Futebol.

O trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo (Revisão da Literatura), fazemos alusão ao Futebol como fenómeno de entretenimento à escala mundial. São discutidos temas como Estética, experiência estética e traços da sociedade moderna. De realçar que ao longo da revisão da literatura nos deparamos com a escassez de estudos ligados à Estética do Futebol, o que nos fez pesquisar e recorrer a

¹ “(...) os movimentos das pequenas percepções em direcção à forma não originam uma macrorecepção, como se fôssemos do menos visível ao mais visível, do menos distinto ao mais distinto num *continuum* sem quebra: fazem nascer, sim, *formas invisíveis*, que dizem das formas visíveis mais do que elas próprias manifestam. Porque as microformas insensíveis (pequenas percepções) intersticiais eram diferenciais, quer dizer relações entre distâncias, espaços, qualidades invisíveis, indetermináveis, desérticas – relações infinitesimais de que as percepções subtis são feitas. Ora, estas relações, incessantemente móveis, resultam de movimentos, e os movimentos, de forças. São as formas dos movimentos de forças que dão a ver o invisível. (...) não é a forma de uma figura mais a *forma de uma força* que assim se manifesta.” (Gil, 2005, p. 54).

áreas diversificadas que pensamos serem enriquecedoras para o desenvolvimento do tema.

No segundo capítulo (Metodologia), é apresentado o caminho metodológico percorrido neste estudo, os procedimentos e a justificação de cada passo. Englobando a escolha do método e instrumento, a selecção do grupo de estudo, a construção e aplicação da entrevista, e o sistema de categorização.

No terceiro capítulo (Análise e Discussão) é analisado e discutido o *corpus* do estudo, organizado de acordo com o sistema categorial que surgiu da sua análise. Neste capítulo, a falta de estudos que versem o mesmo tema projectou-nos para uma dinâmica mais especulativa do que de confronto.

No quarto capítulo (Considerações Finais e Conclusões), tendo como referência estrutural o sistema categorial, formulamos considerações finais, e, a partir delas chegamos às conclusões.

Finalmente no capítulo cinco (Bibliografia), pode-se encontrar a bibliografia que sustentou todo o trabalho.

Com a realização deste trabalho, espera-se ampliar o conhecimento acerca do valor estético deste jogo, tendo consciência de que não se esgotarão as questões subjacentes a esta problemática. Talvez o contributo do presente estudo se situe sobretudo no domínio da problematização e discussão e não na apresentação de soluções, pois a vitalidade deste estudo reside, na sua abertura e convite à intervenção, à opinião, à controvérsia.

Capítulo 1. REVISÃO DA LITERATURA

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 FUTEBOL

“Quando o Benfica jogava, púnhamos os altifalantes virados para a mata e, assim, não havia ataques. Parava a guerra. Faz sentido estarmos zangados com pessoas que são do mesmo clube que nós?”

(Antunes, 2004)

“Estávamos ali, lado a lado, enrolados nas bandeiras ou de cachecóis ao pescoço, gente de diferentes condições sociais, velhos e novos, o único poeta era por certo eu, ou então todos, cantámos o hino e de repente dei por mim a chorar.”

(Alegre, 2006)

Vinte milhões de praticantes federados, 134 países filiados na Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) dos quais 120 consideram o Futebol a modalidade nacional, é prova, para quem ainda tem dúvidas, de que Futebol é um fenómeno à escala mundial (Sérgio, 2003).

Apesar das reconhecidas qualidades intrínsecas, no que concerne à sua natureza como modalidade desportiva, Jesus (2003, p. 1) aponta a procedência territorial como causa para a mundialização do fenómeno. “Em síntese a supremacia mundial britânica no final do século XIX foi fundamental na propagação do Futebol. (...) Trata-se basicamente de um fluxo no sentido centro – periferia. Não por acaso, Inglaterra e Estados Unidos (as potências imperiais dos séculos XIX e XX) são os únicos países cujos desportos principais não foram criados no exterior (...)”.

Seja qual for o motivo ou motivos da sua expansão, o Futebol é jogado em todo o mundo, sendo um consistente exemplo de globalização.

Actualmente, esta modalidade desportiva tem que ser um espectáculo. A preocupação de cativar e mobilizar o espectador é hoje uma prioridade. A este respeito Cruyff (2002, p. 137) diz que “Futebol é espectáculo, se não, não é Futebol.”. Sachi (2006, p. 46) é também desta opinião, de que “O Futebol tem de oferecer espectáculo de arrastar e entusiasmar multidões.”.

O Futebol é hoje em dia pensado como um produto de consumo, e, claro está, no ciclo produção/consumo, para que haja consumo, terá que haver produção. Um produtor de espectáculo é, por exemplo, Berlusconi, “(...) obcecado com a aparência e a sedução do público” comprou o *AC Milan*, “(...) uma equipa de passado glorioso que tinha derrapado para um período de dificuldades (...). Devolveu-lhe a grandeza, injectando-o com pose, jogadores estrangeiros e o seu faro para o espectáculo” (Foer, 2006, p. 212). Comprou jogadores como Marco Van Basten, Ruud Gullit e Frank Rijkaard e chegou mesmo a apresentar a equipa de helicóptero. Toda a equipa foi construída para divertir e jogar um tipo de Futebol mais belo que tudo o que saía da rival *Juventus* (Foer, 2006).

Perez, no *Real Madrid*, foi também na senda do espectáculo, tentando tornar o *Real* num clube de entretenimento, como se viu com a contratação dos *Galácticos* (Queiroz, 2006).

Estes exemplos mostram uma intenção mercantil, uma intenção de desenvolver esta modalidade desportiva como negócio de entretenimento.

O Futebol tem então que ser um espectáculo consumido por multidões, ou, de forma mais concreta, os clubes e selecções devem angariar quantidades significativas de adeptos/espectadores para os seus espectáculos.

Esta intenção é deixada a cargo de pessoas com distintas sensibilidades e competências. “Os jogadores treinam e jogam, os treinadores arquitectam e gerem a performance das equipas, os árbitros zelam pelo cumprimento das leis de jogo, os directores administram as instituições, os pesquisadores estudam o fenómeno nas suas diferentes facetas.” (Garganta, 2005, p. 6).

Cada uma das funções é na sua especificidade exigente. Aos treinadores, por exemplo, cabe a função de arquitectar e gerir a *performance*

das equipas, que, como deixa perceber o seguinte relato de Scolari (cit. Ostermann, 2003, p. 24), sem controlo e previsibilidade se torna angústia: “Perdemos por erros primários nossos. Faltou malandragem. Pô, o Lúcio recebeu uma cotovelada e saiu de campo. A equipe ficou com dez e permitiu-se ser atacada. E nós, com dez. O nosso departamento médico leva o jogador para o fundo do campo. O Lúcio só vai poder entrar fazendo a volta por fora. Sofremos o golo. Faltou tudo. Aí tem médico, equipe técnica, jogador. Quem ocupou o lugar do Lúcio foi Vampeta. Não podia ser, tinha de ser outro. Nós deveríamos prever tudo. Futebol tem que ser assim.”.

A exigência traz a necessidade de previsibilidade para evitar o erro e, no limite, a derrota. Mas esta necessidade de previsibilidade não nasceu com a modernidade. Já há 2.300 anos, Sun Tzu, patriarca de uma linhagem estratégica militar, defendia que “Conhecer o outro e conhecer a si mesmo, Em cem batalhas nenhum perigo. Não conhecer o outro e conhecer a si mesmo, Uma vitória para uma perda. Não conhecer o outro e não conhecer a si mesmo, Em cada batalha, derrota certa.” (Sun Tzu, 2001, p. 34).

Não causa admiração que Cristiano Ronaldo, jogador do *Manchester United* que afirma trabalhar para ser o melhor do mundo, procure conhecer ao pormenor o adversário que terá pela frente em cada jogo: “Observo-os e tento tirar proveito. Vejo se é esquerdino mas nem sempre joga com o pé esquerdo; se joga melhor com a esquerda do que com a direita; se sendo canhoto na linha tem mais tendência para fazer carrinho com a perna esquerda.” (Ronaldo, 2006, p. 3).

A necessidade de tornar um terreno pantanoso, imprevisível, como é o Futebol, num terreno concreto e controlável, conduz à busca de «certezas» menos falíveis. Assim, o conhecimento científico tem vindo a enriquecer a metodologia do treino (Garganta, 2005) e, podemos mesmo afirmar que o conhecimento científico e a técnica estão cada vez mais presentes nas várias dimensões do Futebol.

Não obstante o desenvolvimento de um corpo de conhecimento cada vez mais consistente acerca do fenómeno Futebol, e considerando a premissa de que o Futebol actual tem que ser consumido por multidões, não é possível

deixar de apontar a inexistência de estudos acerca do “olhar” sobre o jogo, não do jogo que se joga, antes do jogo que é percebido por quem olha, sobre a sedução que o jogo exerce sobre o olhar do espectador.

Neste sentido, existe uma área de conhecimento na esfera do Desporto (na qual o Futebol está incluído) designada por Estética do Desporto, que é ainda insuficientemente divulgada.

O Desporto, como refere Lacerda (2004), apesar da expressão nos remeter para o estádio, piscina, pavilhão, de nos lembrarmos da tática, de estratégia, pode desencadear uma experiência estética. “Trata-se no entanto de uma experiência qualitativamente diferente daquela que poderá viver qualquer observador de Desporto que dirija a sua atenção exclusivamente para o resultado, para a eficiência técnica ou para a racionalidade tática.” (Lacerda, 2004, p. 301).

A experiência estética surge por meio da interacção sujeito – objecto. Respeitando a singularidade individual, realiza a unidade entre a estrutura formal do objecto e atitude fruidora do sujeito, “(...) atento ao que de significativo emerge da dinâmica cultural onde se move.” (Lacerda, 2004, p. 302).

1.2 ESTÉTICA DO FUTEBOL

“Já me cansei de perguntar: o que é jogar bem Futebol? Chegou Portugal... Todos tocam e se oferecem... e todos juntos se somam ao avançado na chegada. Foi golo ou não, ganharam ou perderam, mas no final da partida, ... “Maravilhoso!” Àh sim? Então não me perguntem o que é jogar bem. É isso.”

(Valdano, s.d.)

“(...) não passo de mendigo do bom Futebol. Ando pelo mundo de chapéu na mão, e nos estádios suplico:

- Uma linda jogada, pelo amor de Deus!

E quando acontece o bom Futebol, agradeço o milagre – sem me importar com o clube ou o país que o oferece.”

(Galeano, 2002)

A reflexão sobre a Estética tem já vários séculos. Iniciou-se com Platão no século IV a.C. prolongando-se até aos nossos dias. Ao longo da sua história, a concepção de Estética acompanhou a mudança e evolução do pensamento (Lacerda, 2002a).

O estético não está somente ligado à arte e ao belo. “Está também na Natureza, na técnica, na indústria, na vida pública ou privada, nos centros de trabalho ou de entretenimento, no lar ou na rua.” (Melo, s.d., p. 3).

Na actualidade o conceito de Estética converge para “ (...) determinados aspectos como: sensorialidade e sensibilidade, ou seja, percepção e sentimento, destaca-se também a existência de uma atitude diversa da atitude prática, cognitiva ou moral, atitude que se caracteriza fundamentalmente pela sua natureza desinteressada, e que conduz a uma apreciação ou julgamento; estes aspectos confluem para a possibilidade de, perante diferentes objectos ou actividades, o sujeito ser capaz de viver uma experiência estética; essa experiência caracteriza-se, genericamente, pela sua dimensão não utilitária e,

simultaneamente, pela fruição, pelo prazer, resultantes da inter-acção do sujeito com o objecto.” (Lacerda, 2002a, p. 41).

Se nos centrarmos no objecto, podemos dividir as modalidades desportivas em modalidades estéticas - *Aesthetic Sports (desportos estéticos)* - modalidades em que o valor estético é muito importante, como a dança, patinagem artística, etc.; e modalidades não estéticas - *Purposive Sports (desportos propositivos)* - modalidades em que o valor estético não é muito importante, como o Futebol, ténis, natação (Best, 1988).

De acordo com a terminologia adoptada por Best (1998), estas modalidades «não estéticas», apesar de não terem um conjunto de critérios que as ajuízem do ponto de vista estético, como acontece nas «modalidades estéticas», manifestam qualidades estéticas ainda que de forma complementar (Lacerda, 1997). Contudo, relativamente às qualidades estéticas, e de acordo com Lacerda (2004, p. 302) “Não é possível, nem desejável, circunscrevê-las a um determinado grupo de desportos (...)”, pois se o fizéssemos estaríamos a centrar-nos exclusivamente no objecto. Interessa assim que na interacção sujeito/envolvimento desportivo, se atenda ao “(...) que de significativo emana do objecto.” (Lacerda, 2004, p. 303), ou seja, à sua dimensão qualitativa.

Há momentos no Futebol que parecem ser «maiores», e muitas vezes manifestamos esta experiência com expressões de cunho estético «que lindo, que maravilha, que espectáculo». Esta experiência estética, como afirma Moderno (1998, p. 52) “(...) vai da beleza do golo à beleza da comemoração do golo pelo público e pelo jogador (...). Segundo este autor “No Futebol diz-se uma bonita jogada, um belo golo, um belo passe, e muitas outras expressões de cunho estético.” (p. 53).

A apreciação estética de uma equipa, “(...) significa penetrar em tudo o que a diferencia das demais, desde o modelo e as cores do equipamento, à coreografia das jogadas, aos duetos e aos solos dos atletas, à tensão dramática patente nos *crescendo* e *diminuendo* dos vários lances, à movimentação da bola nas suas diferentes trajectórias, a todo o

enquadramento cromático, volumétrico e até climatérico do recinto desportivo, ao entusiasmo do público nas bancadas, à performance das claques, à luminosidade que se projecta sobre o desenrolar das cenas..." (Lacerda, 2002b, p. 19).

Apesar do Futebol ser um fenómeno polifacetado, podendo cada face ser significativa esteticamente, a essência deste fenómeno é o *jogo* que se desenvolve entre duas equipas dentro das «4 linhas». Esta essência decorre da natureza do confronto entre dois sistemas complexos, as equipas, e caracteriza-se pela sucessiva alternância de organização e desorganização (Garganta e Silva, 2000).

Para treinadores, e investigadores que se debruçam sobre questões práticas (operacionais) do jogo, e pela atitude pragmática com a qual encaram o *jogo*, retirando dele premissas que se possam utilizar, este torna-se objectivo.

Mas o jogo de Futebol não se circunscreve apenas à sua dimensão objectiva e pragmática. É também, como afirma Carvalho (cit. Maurício, 2002, p. 41), "(...) território poético, imenso manancial do poder de criação humana no retorno à pureza da infância. É um fenómeno estritamente estético com ingredientes como ritmo, harmonia inventiva, movimento, incursão no tempo e no espaço, equilíbrio e plasticidade."

A qualidade estética do jogo de Futebol não existe apenas no objecto físico, no Futebol que se pratica, mas também em quem aprecia, na subjectividade do observador (do apreciador do jogo), que influencia substancialmente a apreciação que se faz. A *Estética do Futebol*, não se esgota no objecto ou no sujeito, mas centraliza-se no que de significativo emana desta relação. Ela «vagueia» pela interacção apreciador/ jogo, sujeito – objecto, atenta à qualidade que se faz sentir. Considera a experiência que nasce quando o jogo se torna significativo para o apreciador, quando nasce a experiência estética.

1.2.1 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

“Há coisas que nunca se poderão explicar por palavras.”

(Saramago, 2002)

Como já foi referido anteriormente sujeito e objecto são indissociáveis na experiência estética. Fundem-se e criam uma atmosfera que não tem que ver unicamente com o sujeito ou com o objecto. Esta não corresponde a nenhum objecto ou signo visível, o prazer que proporciona não é a experiência de uma consciência pura, mas antes um vaguear do olhar pela subtileza do visível, dando uma certa visibilidade ao invisível (Gil, 2005).

Esta experiência de natureza subjectiva, nasce quando o objecto ganha significado na subjectividade do sujeito. Esta subjectividade do sujeito, segundo Júnior e Melo (2006), desenvolve-se a partir do hábito. O hábito que se “(...) faz em nós, não por nós, caracterizando a nossa instância passiva originária (...)” (Júnior e Melo, 2006, p. 79).

Acerca do hábito, estes autores demarcam-se da abordagem feita pela psicologia, que considera o hábito como a aquisição de um comportamento automático, mecânico, que resulta de uma série de condicionantes, de uma série de conexões regulares entre estímulo resposta. Centram-se antes num hábito adquirido de forma passiva e criativa. Este hábito antes de se confundir com a aquisição de um novo comportamento, de uma nova função, exprime a invenção de uma nova experiência, de um gosto, “(...) é a possibilidade de tornar sensível alguma coisa totalmente estranha e, *a priori*, sem sentido para nós (...) ele permite-nos anexar um fora, e assim inventar a nós mesmos e ao mundo.” (Júnior e Melo, 2006, p. 79).

Ainda na senda da construção da subjectividade do sujeito, e da percepção estética, Gil (2005, p. 11) refere o campo das «pequenas percepções», percepções mínimas mas presentes, percepções que se afastam “ (...) da noção tradicional de experiência, associada a uma consciência e a um sujeito uno, operador de sínteses cognitivas fundamentais.”. Trata-se portanto

de uma experiência que nos invade sem que demos conta disso, experimentámo-la sem dela termos consciência, e apercebemo-nos das modificações que sofremos já depois de as termos sofrido.

Se, por um lado, o hábito e a subjectividade do sujeito têm uma dimensão passivamente criativa, por outro, esse hábito não se desenvolve de forma pura ou totalmente livre, visto que a vida humana é contextualizada culturalmente. Assim existe um engajamento perceptivo condicionado por forças culturais e influências pessoais que parecem catalizar e, de certa forma unir, a experiência estética (Berleant, 2003).

Podemos deduzir que Bispo (2004) também contextualiza culturalmente a experiência estética, já que, num trabalho intitulado *Neurofisiologia da experiência estética*, apoiando-se em Manuel Damásio, este autor admite a experiência estética como um sentimento. Não esqueçamos que para Damásio (2001, p. 106), “Se o corpo e o cérebro interagem intensamente entre si, o organismo que eles formam interage de forma não menos intensa com o ambiente que os rodeia. As suas relações são mediadas pelo movimento do organismo e pelos seus aparelhos sensoriais. O ambiente deixa a sua marca no organismo de diversas maneiras.”.

A marca do ambiente, entenda-se, da cultura, é também referida por (Garcia e Lemos, 2003, p. 34) ao abordarem a «estética corporal». Estes autores sugerem a ideia de uma «morfogénese cultural do corpo humano», ou seja “(...) cada vez mais a própria forma corporal está umbilicalmente submetida à cultura (...)”. Esta ideia de auto semelhança corporal como marca cultural, tratando-se de um traço presente em todos e presente em cada um, remete para uma «fractalização cultural». Mas não é só o corpo que conserva o traço cultural. No próximo ponto deste trabalho veremos alguns traços culturais da contemporaneidade que o jogo de Futebol conserva.

A experiência estética necessita deste território partilhado, deste traço cultural para se manifestar. Como refere Silva (1999, p. 189) “(...) a mesmização é necessária para a outrificação. O próprio só reconhece o outro

depois de se reconhecer. E só reconhecemos o outro e comunicamos com ele se ele nos oferecer um território (de sentido) onde possamos lançar a nossa âncora (de desejo).”.

O encontro estético entre o apreciador e o jogo necessita desta dimensão intelectual e comunicativa. Intelectual porque o Futebol possui teoria, regulamentação, convenções, cria protagonistas, heróis, está vinculado a procedimentos técnicos, orientações táticas e estratégicas. Comunicativa porque ele não se desenvolve isoladamente no relvado ou no pavilhão, ele fala, canta, envolve, questiona, responde, contagia, convida e arrasta. Esse contacto “(...) traduz-se num diálogo entre quem realiza, o que é realizado e quem assiste.” (Lacerda, 2004, p. 306).

Um estudo de Csikszentmihalyi e Ribinson (cit. Lacerda, 2004) mostrou que a convivência com um objecto, contribui para um elevado envolvimento emocional. A experiência estética ocorre quando o objecto e o sujeito se cruzam, quando a informação expressa pelo Futebol cruza a informação armazenada no apreciador.

Neste sentido, a experiência estética não nasce de um encontro entre estranhos que nada significam para o outro, que nada sabem um do outro, que nada partilham. Sujeito e objecto, apreciador e jogo têm uma história comum que os mistura, os entranha. De tal forma, que se torna difícil perceber onde começa um e onde acaba o outro. Até que ponto um estádio cheio de adeptos influencia o desenrolar do jogo? Até que ponto as reacções dos adeptos no decurso do jogo afectam os jogadores e mesmo os treinadores? Até que ponto a reacção dos treinadores e jogadores afecta a apreciação do jogo? Até que ponto o festejo de um golo de forma efusiva por parte dos jogadores faz com que o golo seja maior? Até que ponto a maior entrega dos jogadores cativa mais o olhar dos apreciadores? Até que ponto o desejo de um tipo de Futebol por parte dos adeptos convence a equipa a seguir esse desejo?

A apreciação do jogo nunca é pura, pois, como salienta Vilas Boas (2006, p. 64), a representação de um acontecimento nunca é o real

acontecimento mas uma construção individual do mesmo, de certa forma, "(...) a representação é enganosa."

Vilas Boas (2006) refere mesmo que a influência se faz em todos os lugares que se usem para aceder ao jogo. Seja na transmissão televisiva, na qual a fala do comentador assim como o próprio canal televisivo e a sua história servem de legenda ao que estamos a ver. Seja no café, os comentários da mesa funcionam como legendas. Mesmo a reacção do público de um estádio é influente na apreciação. Se um leigo em Futebol assistir a um jogo desta modalidade, ao vivo, na rádio ou na televisão, o barulho emitido pela assistência funciona igualmente como legenda.

Ainda de acordo com o mesmo autor, existem também factores psicológicos que condicionam a percepção da imagem, o nosso estado de espírito, a pressão que existe sobre nós para interpretarmos de determinada forma.

Esta experiência estética de que até aqui falamos nasce de um encontro entre conhecidos, o sujeito e o objecto. Um encontro consumado por territórios de sedução, territórios íntimos, de convite ao toque, territórios conhecidos e plenos de sentido. Como apreciar um poema de Fernando Pessoa se não percebo a língua Portuguesa? Como apreciar a música de Luiz Gonzaga se o Nordeste Brasileiro não existe para mim? Como apreciar um jogo entre Chelsea e Barcelona se o Futebol nada me diz?

Assim, a teia de forças de uma cultura, o traço cultural que identifica e singulariza a cultura, presente em cada membro, integrando-o nessa cultura, torna-se numa lente pela qual se vê e se sente, por vezes, esteticamente, o mundo. E também o Futebol.

1.2.2 TRAÇOS DA CULTURA (JOGO) CONTEMPORÂNEA(O)

“Se as culturas permanecerem seladas e estáticas, elas deixam de ser culturas humanas; convertem-se em exposições de museu.”

(Palmer, s.d.)

Cones, triângulos, esferas, círculos, planos, linhas, são formas geométricas que prevaleceram durante dois mil anos. No entanto as nuvens não são esferas, as montanhas não são cones, o relâmpago não percorre uma linha recta. As imperfeições que o universo parece mostrar não têm espaço na geometria euclidiana. “As reentrâncias e os emaranhados são mais do que imperfeições deformantes das formas clássicas, são muitas vezes as chaves para a essência das coisas.” (Gleick, 1989, p. 90).

Benoit Mandelbrot chamou «fractal» a uma geometria que obedece a dois princípios: a cascata e a homotetia interna. “A cascata assegura o desdobramento das escalas, a homotetia impõe a auto semelhança.” (Silva, 1999, p.110). Assim, “(...) os fractais são formas geométricas que são igualmente complexas nos seus detalhes e na sua forma geral. Isto é, se um pedaço de fractal for devidamente aumentado para tornar-se do mesmo tamanho que o todo, deveria parecer-se com o todo, ainda que tivesse que sofrer algumas pequenas variações.” (Mandelbrot cit. Silva, 1999, p. 111).

De certa forma, as sociedades e as suas culturas podem ser espelhadas por uma geometria fractal. Por exemplo, o Futebol moderno conserva traços da sociedade moderna. Moderno (1998, p. 53) afirma mesmo que, no Brasil, a porta de acesso à sua cultura, passa por uma correcta percepção do seu Futebol, “(...) interpretar o Futebol brasileiro é interpretar o Brasil.”. Costa (1997, p.137) reforça essa ideia dizendo que o Futebol “(...) apresenta-se como uma micro - sociedade verdadeiramente representativa da sociedade global. (...) [uma vez que] obedece aos mesmos princípios.”. Foer (2006) utiliza a condição fractal do Futebol *para explicar o mundo*. O título de sua obra não

poderia ser mais demonstrativo desta intenção – «Como o Futebol explica o mundo».

Sem esquecer a fractalização cultural, que nos permite entender o traço que está no todo e está na parte, parece pertinente abordar o fenómeno de globalização da cultura ocidental, da qual o Futebol é, simultaneamente, catalizador e produto.

Existe alguma repulsa à cultura global, motivada pela perda da identidade cultural tradicional, mas não podemos negar que “A época em que vivemos é, sem sombra de dúvidas, a da globalização (...)” (El-Fayoumi, 2003, p. 257). Sobre esta repulsa à cultura global Llosa (2003, p. 295) questiona, “Quantas culturas se mantiveram inalteradas, iguais a si mesmas ao longo do tempo? Para as encontrar há que procurar entre as pequenas comunidades primitivas mágico-religiosas (...) cujo primitivismo as torna vulneráveis à exploração e ao extermínio. Todas as outras, sobretudo as que reclamam o direito a serem chamadas modernas – isto é, vivas – foram evoluindo para serem um reflexo remoto daquilo que foram à duas, três gerações (...)”. Este mesmo autor chama a atenção para o facto de que “Quanto mais retrocedemos no tempo, menores são os denominadores comuns que as culturas partilham, e maiores as características específicas que as separam e opõem.” (p. 286).

Assim, concordando com Santos (2002), as práticas culturais outrora consideradas nacionais ou regionais, aparecem agora globalizadas, transgredindo a fronteira nacional. A vida de uma cultura ocorre por contacto com outras culturas que a defrontam. Elas necessitam ser expostas a confrontos para se renovarem e enriquecer. Elas “(...) não precisam de ser protegidas pelos burocratas, nem pelos comissários, nem confinadas por barrotes, nem isoladas por alfândegas, para se manterem vivas e robustas, e que isso, pelo contrário, as transforma em folclore e as define.” (Llosa, 2003, p. 300).

Neste contexto, existem dois traços do Futebol moderno, apresentados nos próximos pontos, que não são mais que o resultado da evolução e globalização da sociedade ocidental.

No sentido de clarificar este assunto é necessário que nos concentremos na evolução da sociedade ocidental durante a era moderna. O início desta «era», como refere Santos (2000), foi por volta do século XVI com o propósito de *regulamentar* e *emancipar* a sociedade ocidental. Estes são os dois pilares do projecto da modernidade.

O primeiro pilar, da **regulação**, é constituído pelo *princípio de estado*, que consiste na obrigação política vertical entre cidadão e estado; pelo *princípio de mercado*, que consiste na obrigação política horizontal, individualista e antagónica entre parceiros de mercado; e pelo *princípio de comunidade*, que consiste na obrigação política horizontal solidária entre membros da comunidade e associações (Santos, 2000).

O segundo pilar, o da **emancipação** é constituído pelo *princípio da racionalidade estético – expressiva*, pelo *princípio da racionalidade cognitivo experimental da ciência e tecnologia* e pelo *princípio da racionalidade moral prática da ética e do direito* (Santos, 2000).

O capitalismo industrial, apesar de não ter sido considerado no projecto inicial, surgiu como modo de produção e, embora possua um processo histórico diferente e autónomo, “(...) coexistiu e até progrediu em condições que, na perspectiva do paradigma da modernidade, seriam consideradas pré-modernas ou mesmo anti-modernas.” (Santos, 2000, p. 47).

De notar que os *pilares* que sustentam o projecto da modernidade, e que correspondem aos *princípios* já referidos, não se desenvolveram da mesma forma. Os *princípios* que ficaram mais inacabados e abertos foram o da *comunidade* (do *pilar da regulamentação*) e o da *racionalidade estético – expressiva* (do *pilar da emancipação*). O *pilar da regulamentação*, nos últimos dois séculos sobrepôs-se ao da *emancipação*, sendo os *princípios de mercado* e *estado* os que mais se desenvolveram (Santos, 2000).

Compreende-se assim esta ideologia consumista. Esta ideologia do ter mais e mais, agravada com o individualismo e antagonismo que edificam o *princípio de mercado*.

Como já referimos no ponto anterior, o valor estético do objecto, para o caso, do Futebol, está visceralmente entranhado nestes traços culturais, *produção – consumo e ciência – técnica*. São traços de uma cultura que contextualizam a experiência estética.

1.2.2.1 *Produção – consumo*

“Agora já não se vê Ronaldo a fazer 20 fintas por jogo. Faz uma finta e coloca logo a bola. É muito objectivo. Ele teve de mudar um pouco a sua maneira de jogar. Não tem a ver com os truques mas com a objectividade.”

(Nistelrooy, 2004)

Sobre o ritmo da vida, houve tempos, em séculos passados, em que o sino marcava o tempo e sincronizava o trabalho. Com a necessidade produtiva esta sincronização foi-se tornando complexa, pois, a produção em massa dependia da regularidade e da repetição dos processos e dos fornecimentos, pelo que se recorreu ao apito das fábricas na era industrial. Hoje, a complexidade dos tempos obriga a uma sincronização bem mais rigorosa, obriga a recorrer às horas, e seus derivados (Gleick, 2003).

Os tempos são acelerados e naturalmente estamos atrasados. Vivemos a vida em contra relógio. Não admira que recorramos a aceleradores para produzir mais, como o café e a *Coca-Cola*. Esta última, nasceu numa era de tónicos, regeneradores e recuperadores engarrafados, sendo anunciada como uma cura para, entre outras coisas, a «lentidão de raciocínio» (Gleick, 2003).

Esta necessidade de produção faz-se sentir no jogo e, ao que parece, o que os adeptos consomem são as vitórias. Queiroz (2006, p. 4), diz mesmo que a “(...) massa de adeptos que o Manchester United tem, resultou do facto

de ter ganho competições. Atrai as pessoas porque ganhou e ganha títulos. (...) o espectáculo é ver ganhar, não é ver perder.”. Mourinho (2007), a este respeito, refere não se esquecer do que lhe diz regularmente o seu director de marketing “José, ganha que eu assim vendo muito mais.”.

Não raras vezes se levantam contra esta tendência, mas não podemos esquecer que o Futebol é uma parte representativa do todo, o reflexo da sociedade onde se insere. Assim, se a sociedade moderna se vai alicerçando sobre o princípio de mercado, naturalmente que Futebol não será excepção.

No Futebol, como em tudo o mais, a cultura é do sucesso. É proibido perder. Na era que vivemos, o fracasso é o único pecado que não tem redenção (Galeano, 2002). “Quer ser lembrado por ser vencedor ou por ser bonito? Eu quero ser lembrado por ser vencedor. [responde Scolari à questão sobre qual das selecções brasileiras preferia, se a de 82 ou a de 94, e continua] A equipa de 94 empatou só ganhou nos penalties, mas foi vencedora. Está na história. A de 82 foi linda, mas perdeu. Então se tivesse de escolher escolhia a de 94.” (Scolari, 2005, p. 27).

Os treinadores “(...) correm atrás de uma coisa que é produzir (...)” (Queiroz, 2006, p. 4). Não podemos esquecer que o Futebol é, na sua essência, um jogo que opõe duas forças com objectivos simples, marcar e não sofrer. A partir daqui tudo é jogo.

Mas, não estaremos a valorizar em demasia o resultado? Será que “Ganhar sem magia, sem surpresa nem beleza, não é pior que perder?” (Galeano, 2002, p. 199). “Será mais importante jogar bonito ou ganhar?” Tostão (2004, p. 37).

A política de entretenimento, com a priorização do espectáculo, foi já experimentada pelo Real Madrid. Conta Valdano (2007, p. 12) a este respeito a seguinte história: “Saí do Clube com Florentino Perez [presidente do Real Madrid] para irmos a um restaurante perto. Era um dia especial. (...) O Real Madrid acabava de fazer um dos contratos mais importantes da sua história e

também o mais caro, Zinedine Zidane. No nosso caminho cruzou-se um automóvel dentro do qual alguém gritava com entusiasmo. Esperávamos palavras de optimismo, incluindo de agradecimento, mas ouviu-se: «Tragam o Mendieta de uma vez!». Florentino olhou-me dizendo, «o povo é insaciável». Mais que insaciáveis, a opinião do povo Futebolístico muda com os resultados, como também o humor.”.

Esta política não teve resultados muito satisfatórios. Um clube com grande tradição de vitórias, apostou na aparência e não na essência, “ (...) lá com os galácticos a passear de um lado para o outro, esquecendo-se de que a raiz do Futebol é o ‘winning business’. Foi o suicídio. (...) Este é um negócio de ganhar, depois em cima do negócio de ganhar, constrói-se o entretenimento e a parte financeira, (...) no dia em que se inverte esta relação fere-se a natureza do Futebol. Essa ferida mortal que Perez quis introduzir no Real Madrid” (Queiroz, 2006, p. 4).

Podemos afirmar que o «ganhar» está directamente relacionado com o «jogar bem». A esse respeito Tostão (2004, p. 37) diz “Para mim não existe discussão, as grandes equipas jogam bonito e vencem.”. Cruyff (2002, p. 135) é também partidário desta ideia, “(...) jogar para ganhar ou jogar para desfrutar, é uma falsa questão. Há equipas que pelo seu historial são obrigadas a ganhar. E o ganhar está associado ao jogar bem.”. Queiroz (2006, p. 4), na mesma linha de pensamento diz que “(...) para ganhar preciso de uma equipa que jogue bem, com a fórmula de jogar bom Futebol tenho mais possibilidades de ganhar.”.

Boxill (1988) entende a vitória, e o desejo de vencer, como elementos que desenvolvem o valor estético do jogo. Este autor, acerca do «ganhar» e do desejo de ganhar, diz que “Um jogo bem jogado, que é esteticamente prazeroso, apenas tem lugar numa competição onde haja o desejo de vencer, (...) em alguns casos só assim a beleza emerge.” (p. 515).

Damo (2001, p. 86), diz mesmo que parte da Estética do Futebol não está ao alcance de quem observa de forma isenta, “Desse ponto de vista o Futebol mais parece uma sequência de lances inócuos, repetitivos e sem

sentido; (...) Trata-se do ponto de vista daquele que não tem familiaridade com as regras, com o significado do embate, enfim, com o próprio Futebol. O prazer estético depende do entendimento da dinâmica do jogo, o que pressupõe aprendizado e, de outra parte, concordância em relação a alguns significados. Um desses significados partilhados pelos Futebolistas é que o jogo é uma guerra mimética.”.

Assim, não devemos, nem podemos, dissociar a vontade de vencer do jogo de Futebol, seria extrair-lhe parte do alicerce que edifica todo o seu valor estético, pois a vontade de vencer impulsiona-nos para a superação e para o encontro de caminhos (jogo) para ultrapassar (ganhar) as barreiras (adversários) que nos surgem. São esses mesmos caminhos que nos seduzem os sentidos, que despertam os sentimentos e apelam para o valor estético.

1.2.2.2 Ciência - técnica

“A ciência funciona: é melhor que a magia, que não funciona de todo, e é melhor que a oração, que essa nem sempre funciona.”

(Brenner, 2003)

“O mais de costume é reunirem-se pessoas à sombra de uma opinião como se ela fosse um guarda-chuva.”

(Saramago, 2002)

A ciência nem sempre teve o relevo social actual. “(...) a situação e o papel da ciência na sociedade, modificaram-se profundamente desde o século XVII. Na origem, os investigadores, eram amadores, (...) e eram ao mesmo tempo filósofos e cientistas. A actividade científica era sociologicamente marginal e periférica.” (Morin, 2002, p. 19). O advento científico surge aliado aos défices e excessos do paradigma da modernidade apresentados no ponto anterior. A gestão dos excessos e défices de tal projecto foi confiada à racionalidade científica e tecnológica, hegemonizando rapidamente os seus

critérios de eficiência e eficácia aos demais *princípios do pilar de emancipação*, o que levou à concentração das energias e potencialidades *emancipadoras* da modernidade na *ciência e na técnica* (Santos, 2000).

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constitui-se a partir da revolução científica do século XVII (Santos, 1999). A ciência “(...) tornou-se poderosa e maciça instituição no centro da sociedade, subvencionada, alimentada, controlada pelos poderes económicos e estatais.” (Morin, 2002, p. 19), e chegamos a um momento em que a onipotência, a onipresença e onisciência científica, conferem-lhe, nas sociedades contemporâneas, o estatuto de religião (Silva, 1999).

Esta «nova religião» tem como deusa a «razão», “(...) um método de conhecimento baseado no cálculo e na lógica, (...) empregado para resolver problemas postos ao espírito, em função dos dados que caracterizam uma situação ou um fenómeno.” (Morin, 2002, p. 157). Mas a ciência não é o fármaco que resolve todas as doenças, ou o milagre que atende a todos os problemas, antes uma tradição entre muitas outras, uma fonte de conhecimento para quem fez essa escolha (Silva, 1999).

No Futebol a ciência tem sido recrutada como fonte de conhecimento, “Sobretudo a partir dos anos oitenta, foram desenvolvidas iniciativas importantes com o intuito de sistematizar o conhecimento em Futebol, que se traduziram na realização de congressos, às escalas europeias e mundial, e no aumento de produção bibliográfica.” (Garganta, 2001, p. 2).

Se o conhecimento científico tem dado um forte contributo ao Futebol nas últimas décadas, ousamos dizer que a atitude científica, de forma mais ou menos marcante, foi estando presente no Futebol ao longo da sua evolução. Note-se que esta atitude é “(...) filha do bom senso, do espírito crítico (...), [caracterizando-se por] uma dimensão pessoal (...) não exclusiva dos cientistas de carreira, mas que se encontra difusa nas pessoas da sociedade em geral.” (Turato, 2003, p. 43).

Ao treinador cabe a função de conceber e desenvolver um jogo que permita à equipa vencer, o que, apesar de não ser o mesmo que desenvolver um trabalho científico, não dispensa uma atitude crítica e reflexiva.

Note-se que esta função assenta, entre outras coisas, na dimensão táctica do jogo, que acaba por nortear a actuação do treinador. Esta dimensão não se restringe à estrutura da equipa, mas também ao pré estabelecimento das funções de cada jogador nas dinâmicas de jogo da equipa. Abrange a selecção dos jogadores para as posições ou o ajuste das posições aos jogadores. Resumindo, espera-se que o treinador «ponha a sua equipa a jogar» um jogo que vença.

Por vezes esta tendência de desenvolver o jogo a partir do treinador, é vista como redutora da criatividade por parte dos jogadores. Assim o diz Valdano (2006a, p. 18): “Que o Futebol é um terreno hostil para jogadores criativos e técnicos, já o sabemos desde que a obsessão táctica converteu os jogadores em soldados (...)”.

Galeano (2002, p. 12), a este respeito refere o seguinte, “Antigamente, existia o treinador, e ninguém dava muita atenção a ele. O treinador morreu, de boca fechada, quando o jogo deixou de ser jogo e o Futebol profissional precisou de uma tecnocracia da ordem. Então nasceu o técnico [treinador moderno], com a missão de evitar a improvisação, controlar a liberdade, e elevar ao máximo o rendimento dos jogadores, obrigados a transformar-se em atletas disciplinados. (...) Ele [o treinador moderno] acredita que o Futebol é uma ciência e o campo o laboratório (...)”.

Não obstante estas críticas, consideramos que a dimensão táctica do jogo, contribui para o seu enriquecimento. Por exemplo, acerca do jogo Chelsea – Barcelona, e ainda na linha da dimensão táctica do jogo, Paulo Sousa refere-o como “(...) um jogo espectacular e emocionante, de grande riqueza táctica... (...)” (Sousa, 2006, p. 24).

Assim, o que Lacerda (2004, p. 305) diz para o Desporto, podemos dizê-lo para o Futebol. Que este, como instituição cultural, está, entre outras coisas, vinculado a “(...) orientações tácticas. O conhecimento destes aspectos por parte de quem observa facilita o encontro estético. A apreciação (...) das

opções táticas que favorecem a concretização das jogadas, (...) requer, naturalmente a intervenção do domínio cognitivo (...)” do espectador, o conhecimento tático do jogo.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho, na sua essência uma construção de conhecimento, deve ter características específicas do conhecimento científico. Deve ser construído por um “Conjunto de assertivas que partilham de hipóteses de investigadores que então as sistematizaram de forma de teoria, com emprego de métodos de estudo e de comprovação reconhecidos pelo rigor académico.” (Turato, 2003, p. 57).

No entanto, a atitude do pesquisador não deve considerar apenas o rigor. Para além do rigor, determinante do trabalho científico, a criatividade tem que ser um forte aliado. O pesquisador do ser humano “(...) tem que ser alguém capaz de pensar. Porque ele não terá receitas, experimentos padronizados, questionários fechados, escalas validadas, e todos os instrumentos científicos que podem ser aplicados por qualquer leigo treinado. Ele terá que descobrir seus próprios caminhos, testando, avançando, recuando, ensaiando, corrigindo-se.” (Cassorla, 2003, p. 25). Pois, “Método é caminho.” (Cassorla, 2003, p. 27) e o caminho faz-se a andar.

Sendo o objectivo deste trabalho identificar quais as *formas das forças* do jogo que seduzem o olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo, o apreciador tem neste caso uma importância central, pois, será por ele que conseguiremos aceder e colher às forças, formas que seduzem o seu olhar.

2.1 GRUPO DE ESTUDO

Quem? Que apreciador poderia favorecer a clarificação do problema do estudo?

Tendo em conta que se procura esclarecer o conceito de estética do Futebol, fica clara a necessidade de trabalhar com um grupo de sujeitos que possuam um conhecimento aprofundado do jogo. A decisão recaiu sobre um

grupo de estudo constituído por treinadores da 1ª divisão, investigadores de Futebol e jornalistas da especialidade todos eles do sexo masculino.

Assim sendo, contamos com a participação de:

- 6 treinadores da 1ª divisão (5 da Liga Portuguesa e 1 do Campeonato Brasileiro).
- 2 investigadores de Futebol (professores universitários).
- 1 jornalista da especialidade.

2.2 INSTRUMENTO

A linguagem, entendida hoje como um utensílio, um instrumento de comunicação entre os homens, tem para além de outras funções a de elaboração do pensamento. Permite comunicar potencialmente a experiência que temos da realidade não linguística na medida em que nos é comum com outros utentes da língua (Mounin, 1997).

Em essência, utilizando as palavras de Titiev (196-?, p. 89), “(...) uma palavra falada é um som ou uma combinação de sons ao qual um grupo de pessoas (sociedade) conferiu um significado particular (...)”, podendo mesmo dizer-se que no complexo sistema de comunicação de uma cultura, insígnias, ritos, festas, jogos, modas, etc., a língua assume um papel significativo (Lima, Matinez e Filho, 1987).

A linguagem é uma forma socialmente adquirida de interpretar a realidade e torná-la assunto dos nossos actos de comunicação. Os conteúdos que o homem concebe e expressa por meio da linguagem não estão no mundo mas na consciência humana formada numa vida em sociedade (Azeredo, 2000). Assim, cada língua corresponde a uma organização particular de dados da experiência, um prisma através do qual os indivíduos pertencentes a essa comunidade linguística observam o mundo (Lima et al., 1987).

Neste sentido, para tentar perceber quais as *formas das forças* do jogo que seduzem o olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo, o *inquérito* pareceu ser o método que melhor se adequa, pois este serve para “recolha de informação em áreas do conhecimento pouco estudadas ou em fases iniciais de investigação de uma nova área do saber [e também] (...) se justifica para compreender atitudes e opiniões, que só são acessíveis de forma prática pela linguagem” (Lacerda, 2002a, p. 193). Sabemos, com Ghiglione e Matalon (2005), que o inquérito pode ser mais ou menos directivo. Num extremo encontramos a *entrevista não directiva* e no extremo oposto o *questionário fechado*.

Sendo este um estudo que «desbrava», à custa da linguagem e dos signos linguísticos, um campo quase virgem, o da Estética do Futebol, parece-nos que o melhor instrumento de recolha da informação seria a entrevista menos directiva ou semi-directiva (Ghiglione e Matalon, 2005).

Assim, optamos por utilizar como instrumento a entrevista com uma intenção exploratória.

A entrevista encontra os seus limites nos discursos, que são a sua matéria-prima. Convém lembrar que a entrevista nunca será totalmente espontânea, como se houvesse um vazio social. Mais ainda, a forma de recolha do material será exclusivamente verbal, o que conduz a um problema de sentido (Ghiglione e Matalon, 2005).

Por outro lado, este instrumento deixa-nos bastante margem de manobra, permite-nos o uso da criatividade, a indagação em função do objectivo (Cassorla, 2003).

Por razões evidentes, as entrevistas não directivas ou semi-directivas são quase sempre gravadas. É o único meio de conservar integralmente o que foi dito tanto pelo entrevistador como pelo entrevistado, e o primeiro, liberto da preocupação de tomar notas, pode dedicar toda a sua atenção ao que diz e ao controlo das suas próprias reacções. No entanto, convém destacar que apesar das vantagens, o uso do gravador apresenta limitações como, por exemplo, o

efeito inibidor que pode ter nos entrevistados pelo receio de deixar vestígio irrefutável do que disserem (Ghiglione e Matalon, 2005).

2.3 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DA ENTREVISTA

A construção da entrevista teve diferentes momentos, passando de uma primeira versão (teste) (ver anexo 1) para uma segunda (final) (ver anexo 2). Inicialmente a entrevista-teste foi aplicada a dois professores universitários e, estimulados pelos resultados, optamos por avançar aplicando-a a dois treinadores da 1ª divisão e 1 jornalista. Todavia, a entrevista-teste, por se enquadrar em grande medida em linhas não directivas, ou seja, as perguntas possibilitavam um considerável grau de liberdade nas respostas, criaram em nós uma sensação de que iria ser difícil analisá-las por ganharem uma dimensão demasiado global. Deste modo, a entrevista-teste foi reestruturada dando origem à entrevista final.

À entrevista final, apesar de continuar a manter o carácter semi-directivo da entrevista-teste, foram adicionados traços mais directivos, o que objectivou atenuar alguns devaneios por parte dos entrevistados, ainda que as respostas fossem fiéis ao tema de cada pergunta. Reestruturada, a entrevista final foi aplicada a mais quatro treinadores da 1ª divisão.

Recolhidas as respostas dos entrevistados, tanto através da entrevista teste como da final, as quais tiveram um tempo médio de aplicação de 45 minutos, deparamo-nos com informações bastante ricas e interessantes, o que para uma área do conhecimento «recém nascida», como é a «Estética do Futebol», considerar apenas o conteúdo obtido a partir da entrevista final e desperdiçar a informação proveniente de uma fase mais exploratória (entrevista-teste), pareceu-nos extremar para um formalismo excessivo e descontextualizado.

Dos diferentes momentos da construção do instrumento utilizado no presente estudo resultaram oito entrevistas, das quais apenas quatro, se tendêssemos para o rigor asfixiante, poderiam ser utilizadas.

Devemos no entanto, ao considerar a utilização das entrevistas na análise de conteúdo, atender à forma de fazer ciência, crendo, com Silva (1999, p. 36), num método “(...) fundado na humildade da valorização do pormenor, da especificidade, enfim, *um método feito-à-medida* das necessidades e exigências do utilizador.”. Nesta mesma linha Turato (2003, p. 438), refere que caso haja benefícios, “(...) aspirante a pesquisador de academia, ou mesmo veterano professor universitário, (...) poderão criar (conceber) sua própria técnica no empreendimento de investigação (...) [pois] são os filósofos da ciência que demonstram que estas entidades denominadas «métodos» e «técnicas», aparecem (e desaparecem) mais ao sabor das necessidades (pessoais e comunitárias) do que por supostas forças internas ao campo científico.”. Existe sempre, no entanto, a necessidade de definir o que foi criado, a necessidade de haver coerência nos passos e a necessidade de se ser eficaz a atingir o pretendido.

Sabendo que o rigor e o formalismo deve estar sempre presente num trabalho científico, mas sabendo também que estes não são um fim em si mesmos, ousamos, para além dos resultados obtidos através da entrevista final (a quatro treinadores da 1ª divisão), utilizar na análise de conteúdo os resultados da entrevista-teste (aos dois professores universitários, aos dois treinadores da 1ª divisão e ao jornalista) tendo a convicção de que a credibilidade do trabalho não seria abalada.

As categorias de análise, pormenorizadas no ponto seguinte *Análise de Conteúdo*, emergiram das respostas da entrevista final. Porém, as respostas da entrevista-teste foram utilizadas para enriquecer cada uma das categorias criadas.

Relativamente à realização dos contactos para a aplicação das entrevistas, os treinadores da Liga Portuguesa de Futebol foram contactados

por telefone ou através de e-mail. Apenas a um destes treinadores não foi possível entrevistar pessoalmente, tendo o processo sido efectuado por e-mail.

Com o treinador do Campeonato Brasileiro de Futebol foi necessária uma conversa prévia com a sua assessora de imprensa a fim de obter autorização, a qual foi conseguida imediatamente após o esclarecimento do objectivo da entrevista.

Com os professores universitários, o contacto foi feito pessoalmente. Estes colocaram-se prontamente à disposição.

Com o jornalista, o contacto efectuou-se por e-mail, combinando-se a ocasião da entrevista.

2.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Como afirmam Ghiglione e Matalon (2005, p. 185) “Uma análise de conteúdo não tem sentido se não for orientada para um objectivo. Procurar saber o que existe num texto, sem mais, não tem outra resposta que o próprio texto.”, pelo que se percebe a importância da criação de categorias de análise.

A construção das categorias a partir das falas dos entrevistados seguiu, em certa medida, as directrizes aconselhadas por Turato (2003). Inicialmente foram realizadas as leituras flutuantes no sentido de conhecer o texto e deixarmo-nos invadir por impressões e orientações. De seguida, sendo levados pela ideia de que convém ao autor “(...) sentir seu material na prática (...), é debruçando-se modestamente sobre o lido e relido que surge, mentalmente e no papel, o desenho da categorização.” (Turato, 2003, p. 445-446), desenhamos as categorias e subcategorias à *posteriori* considerando a sua relevância e repetição (Espectáculo, Estilo de jogo, Acções Individuais/ Técnica, Acções Colectivas/ Tática), sendo que algumas foram estabelecidas à *priori* (Bola, Momentos do jogo, Eficácia e Vitória e Derrota).

Categoria A – Bola

Retire-se a bola do jogo para ver o que acontece. Talvez nada. Pois sem bola não há Futebol. A bola é central no jogo, tão central que nem nos damos conta que ela está lá, de tão habituados que estamos a ela.

Como refere Costa (1997, p. 73) “A bola não é, somente, um objecto à volta do qual se organiza um jogo desportivo como o Futebol.”.

Neste sentido nesta categoria tentamos contextualizar a bola na estética do Futebol, ou seja, perceber em que medida a bola influencia o valor do jogo.

Categoria B – Espectáculo

O jogo de Futebol é primeiramente uma modalidade desportiva. A sua natureza é antagónica, ganhar ao adversário é a sua essência. No entanto, a sua evolução projectou-o para um campo industrial, no qual para além de ser um jogo no qual participam vinte e dois jogadores é um jogo no qual participam milhares de espectadores.

Esta subcategoria parece ser uma das preocupações dos entrevistados, e parece ser directamente ligada à estética, pois apesar de na entrevista não ser feita nenhuma pergunta acerca do espectáculo, muitos entrevistados recorriam a ele para falar de estética.

Categoria C – Jogo

A categoria, *Jogo*, foi dividida em várias subcategorias. Estas foram criadas à *priori*, à excepção da subcategoria *Estilo de Jogo*.

Subcategoria C1– Estilo de Jogo

Latino, Inglês, Africano, Futebol-Arte, Força, são estes, entre outros, os «Futebóis» que constituem o Futebol. Se o Futebol tem sua própria identidade, que nos permite diferenciá-lo das demais actividades, nele vários «Futebóis» existem, cada um, também, com a sua identidade.

António Oliveira, jogador e, posteriormente, treinador da selecção Portuguesa, explica assim, como conseguia sair duma forte marcação de dois ou três adversários: “Parecia que as minhas *chuteiras* tinham vida própria. Toda esta forma de jogar destacava-se contra equipas alemãs ou inglesas, aqueles que jogam e deixam jogar (...). Era o confronto de estilos.” (Oliveira, 2002, p. 7).

No Futebol existe muitas vezes este confronto entre estilos. Lobo (2002) ao longo da sua dissertação acerca da história do Futebol, fala-nos em vários *estilos de jogo*, «*técnica*», «*força*», «*Futebol-arte*», *no confronto entre estilos e os vencedores dos mundiais*.

O estilo de jogo para além de permitir que o outro [entenda-se o espectador] reconheça uma identidade, permite também que se reconheça nessa mesma identidade, nesse mesmo estilo. Permite que se goste ou desgoste, que seduza, desinteresse, ou mesmo que repudie.

Esta subcategoria remete-nos para a problemática dos diferentes estilos de jogo, e de seu valor estético.

Subcategoria C2 – Momentos do Jogo

Um jogo de Futebol dura noventa minutos. Neste tempo duas equipas se defrontam na concretização de objectivos opostos, introduzir a bola na baliza do adversário/evitar que o adversário faça o mesmo na sua.

É deste conflito que vários momentos ocorrem. Momentos em que uma equipa guarda a bola para organizar um ataque mortal, enquanto a outra

protege zonas perigosas e adversários mortíferos. Momentos em que a ofensiva avança para o objectivo e a defensiva contrária bate-se para que tal não aconteça. Momentos em que a defensiva recupera a bola e aproveita os desfalques adversários provocados pelo atrevimento de um ataque maciço. Momentos em que um herói sobressai e sozinho faz o que em conjunto não foi feito.

São assim momentos que o jogo oferece podendo, ou não, ganhar significado no espectador, quando este se revê neles.

Subcategoria C3 – Eficácia

A problemática da eficácia não poderia deixar de estar presente num trabalho que discuta o valor estético do Futebol. Muito se fala acerca de jogar para o espectáculo, bonito, para a beleza, ou jogar para vencer.

Num tempo em que o ciclo produção – consumo é aceleradíssimo, onde paira uma sensação de descontentamento, queremos mais e mais depressa, a eficácia parece ganhar ares de Deusa sendo fortemente venerada e procurada.

A tentativa de ser eficaz no desenvolvimento de um Futebol de espectáculo, no sentido de «arrastar multidões», de preencher os milhares de lugares nos estádios, de conseguir manter a audiência televisiva, de atender às expectativas de consumo do adepto, leva-nos a que por vezes se questione a natureza competitiva do jogo. Excesso de competitividade? Filosofia «resultadista»? Jogos fechados, sem emoção?

Neste sentido importa perceber e contextualizar a eficácia no jogo de Futebol, se esta reforça o encontro estético.

Subcategoria C4 –Acções Individuais/ Técnica

Num tempo de especialização, na qual a dependência do outro se vai exponenciando [que fazer sem o agricultor que nos dá o pão e o vinho; ou sem o médico a quem recorremos no desespero; ou sem o jogador de Futebol, o músico, o artista de cinema e teatro, o poeta, etc. que recorremos para preencher os vazios de vida?], as acções individuais parecem deixar de ter um fim em si.

As acções individuais são muitas vezes vistas como técnica individual podendo ser com ou sem bola. A discussão em volta da técnica no Futebol actual tem sido aguçada pela proclamada «falta de técnica de seus jogadores». Cruyff (2004) refere que o Futebol apesar de ter evoluído em outros aspectos, não evoluiu nos índices técnicos, na capacidade de trabalhar a bola.

Mas a técnica não consiste apenas na relação com a bola.

No dicionário da língua portuguesa *técnica* pode significar: “conjunto de processos utilizados para obter certo resultado; conjunto dos processos de uma arte, de um ofício ou de uma ciência; conhecimento prático; arte” (Costa e Melo, 1998). Difícil definir as fronteiras da técnica individual no jogo de Futebol, talvez, porque não existam essas fronteiras. Podemos até associar a técnica ao toque de bola, mas o que chamar então ao «não toque»? O que chamar à corrida que prepara o remate, e à corrida que permite um posicionamento mais ajustado, ainda que sem tocar na bola? O que chamar à simulação do remate que, sem se tocar na bola, a deixa no pé do colega?

Por outro lado, se a técnica está presente em tudo o que se faz dentro de campo com ou sem bola, então, tudo é técnica, até mesmo os gestos que se fazem ao colega do outro lado do campo para se estabelecer uma comunicação.

Neste sentido, interessa perceber o valor estético do individual e da técnica, percebendo como os entrevistados traçam a fronteira deste conceito e como o levam para a estética.

Subcategoria C5 – Acções Colectivas/ Táctica

O Futebol é uma modalidade colectiva por essência. São onze contra Onze. Não podemos deixar de entender que se organize esta «micro sociedade» com um lado racional, uma dimensão de pré jogo que racionaliza e organiza o jogo. Se o jogo é em essência um conflito entre duas partes cujo decurso é, em certa medida, aleatório e o resultado só se sabe no final, esta dimensão táctica-colectiva confere responsabilidade funcional a cada jogador e, conseqüentemente, regularidade nas acções que cada um executa e executadas no colectivo.

A crescente responsabilidade dos jogadores nas diferentes situações de jogo gera críticas como a de Valdano (2006a, p. 18): “(...) a obsessão táctica converteu os jogadores em soldados.”.

Neste sentido, com esta subcategoria do jogo interessa perceber a contextualização do colectivo e da táctica no valor estético do jogo.

Categoria D – Vitória – Derrota

A vitória e a derrota são a essência do desporto e do Futebol. Costuma dizer-se «perder nem a feijões».

Assim o diz Damo (2001, p. 86) “Para os torcedores é a vitória/derrota do seu time que lhes importa sobremaneira e boa parte dos juízos estéticos – que definirão se um jogo foi bom ou ruim, mais do que se foi bonito ou feio – repousa sobre esta variante. Isso não significa que eles se importem apenas com isso, mas o resultado do jogo influencia de tal modo a sensibilidade que acaba se tornando determinante.”.

Esta categoria tem por objectivo contextualizar a vitória e a derrota no valor estético do Futebol.

Capítulo 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

3.1 CATEGORIA A – BOLA

Tudo começa na bola, e a bola é o motivo de tudo. Sem ela é impossível haver jogo. E são mesmo as suas características físicas que condicionam tudo o que acontece. Se Futebol fosse jogado com uma bola de Tênis ou de Râguebi, como seria o jogo?

A bola tem assim um papel central na Estética do Futebol. *“A bola é que vai provocar movimentos. Estão as duas equipas formadas, enquanto o árbitro não puser a bola a andar as duas equipas não se mexem. Tudo se diz em função da bola. Costuma-se dizer que sem bola nem a mulher das pipocas vende. A bola é a razão de estar lá os jogadores, os árbitros, os espectadores, as bilheteiras, a senhora a vender pipocas, as televisões. Sem a bola nada disso existe.”*².

Ela condiciona o jogo quer pelo seu movimento espaço temporal, quer pelas suas características físicas. *“A bola decide em muito a dimensão táctico-técnica do jogo. Todos os movimentos (acções) do jogo são determinados pelas suas características e pelas regras do jogo.”*³. Mas ela, como refere Costa (1997, p. 73) *“(...) não é, somente, um objecto à volta do qual se organiza um jogo desportivo como o Futebol.”*. A bola *“(...) é o objecto de desejo. A bola é o motivo da Estética do jogo. Duas equipas lutando pelo prazer de ter a bola para daí alcançar seus objectivos.”*⁴.

Ela tem vida e nome. Uns chamam-lhe *“(...) esfera, redonda, couro, globo, balão, projectil*. No Brasil ninguém duvida que ela é mulher. Os

² Treinador 5 (T5)

³ Treinador 6 (T6)

⁴ Treinador 3 (T3)

brasileiros chamam a bola de gorduchinha, menina (...)” (Galeano, 1995, p. 22).

Por vezes, antes dos momentos decisivos, como o penalti, num gesto de amor, os jogadores beijam-na com os lábios. Depois, acomodam-na no chão com jeitinho. Ali, naquele montinho de relva escolhido com critério.

Como é sabido, no amor há dependência, e esta foi marcante no jogo entre a Argentina e o Uruguai no Mundial de 1930. Conta Galeano (1995, p. 22) que nesta final, “(...) as duas selecções exigiram jogar com bola própria. (...) o juiz decidiu que o primeiro tempo fosse jogado com a bola argentina e o segundo tempo com a bola uruguaia. A Argentina ganhou o primeiro tempo e o Uruguai, o segundo.”.

Mas este amor não se restringe aos jogadores. Também os espectadores a querem contemplar. *“Nós enquanto espectadores percebemos os melhores momentos, os momentos mais belos sempre associados à bola. Por exemplo, nos jornais é muito raro ver fotografias de um jogo sem a bola. A bola está associada aos momentos mais altos do jogo. Muitas vezes nos jornais até vemos a bola e só vemos os pés do guarda-redes. É tão bonito ver a bola a bater na rede, é tão bonito ver a bola junto a um corpo que se move de uma forma constante e que tenta enganar o adversário. Podemos fazer um conjunto de movimentos dentro de um campo sem a bola, que nunca terá a mesma beleza do que com a bola.”⁵*

3.2 CATEGORIA B – ESPECTÁCULO

“Futebol é uma tremenda energia que move o mundo, as emoções e o consumo.” (Valdano, 2006b, p. 2).

Não podemos deixar de concordar com Valdano acerca da magnitude do Futebol na actualidade. De simples modalidade desportiva nascida em

⁵ T5

Inglaterra, inicia sua larga difusão planetária por volta de 1880 – 1900 e hoje é a modalidade desportiva mais globalizada. Durante este trajeto, o Futebol, foi ganhando ares de indústria do ócio esperando-se dele muito mais do que um jogo. Espera-se que o Futebol ofereça “(...) espectáculo de arrastar e entusiasmar multidões.” (Sachi, 2006, p. 46).

Também os nossos entrevistados são da opinião de que o Futebol deve ser um espectáculo. Dizem que “*O Futebol deve estar virado para o público. Deve proporcionar a quem está a ver momentos de prazer, alegria e satisfação.*”⁶, pois, “*(...) sem espectador, sem adepto, não existe, não faz sentido.*”⁷.

Assim, “*o Futebol é um jogo mas ao mesmo tempo é um espectáculo e para ser espectáculo, tem que ter valores estéticos.*”⁸.

“Quantos teatros existem no grande teatro do futebol? Quantos cenários cabem no grande rectângulo de grama verde?” (Galeano, 1995,p. 14) De que Futebol se fala quando se fala de espectáculo? Qual o seu valor estético?

“*Tem a ver fundamentalmente com a beleza do próprio jogo (...) já não é tão estético quando tem muitas paragens no jogo, ou quando existem comportamentos com valores menos estéticos, a agressão, ou os treinadores assumem comportamentos como insultos, isso não tem nada a ver com Estética.*”⁹ Apesar do conceito de feio ser também abrangido pela temática da Estética, podemos afirmar que a Estética do Futebol, para os entrevistados, tende mais para o conceito de *beleza* do que de *feio*. Está relacionada com a sedução da atenção para algo que transmite sensações positivas associadas ao prazer e à beleza. De certa forma existe nas respostas dos entrevistados valor *Estético no Futebol* alicerçada no *belo* e no *bom*.

⁶ Treinador 4 (T4)

⁷ Professor Universitário 1 (PU1)

⁸ Professor Universitário 2 (PU2)

⁹ PU2

Esta afirmação espelha essa ideia *“O jogo transmite-me, enquanto espectador, sensações. Algo que é estético e me transmite essa sensação de beleza. Algo que nos toca de uma forma profunda, e até apaixonada (...) Acho que a Estética é algo que nos transmite sensações de prazer.”*¹⁰.

Até o adversário nos pode transmitir essas sensações positivas, pois *“muitas vezes apoiamos uma equipa e não gostamos da outra. A equipa de quem não gostamos ao longo do jogo perde e vemos os jogadores a abraçar-se e a apoiar-se mutuamente e até começamos a simpatizar. Neste sentido esta Estética também nos transmite prazer. Apesar de ser um momento duro e os jogadores terem perdido, há alguma coisa que vem deles e nos transmite prazer.”*¹¹.

Para que o Futebol seja espectáculo, tem, necessariamente, que ter espectadores. Mas estes, *“não se pode generalizar (...) uns assistem enquanto adeptos, outros assistem apaixonados pela modalidade sendo adeptos de um clube e depois há aqueles que assistem porque se apanharam no jogo e estão a observá-lo de uma forma distante.”*¹². Interessa pois discutir a relação emocional do espectador com o jogo.

Existem vários tipos de espectador, cada um com uma carga emocional que o liga ao jogo e que condiciona a experiência estética. De notar que a dimensão emocional influencia a apreciação que se faz do jogo. *“O espectador que assiste ao jogo da sua equipa, tira essencialmente prazer da vitória. Se calhar até todos gostam do Futebol espectáculo, mas a grande maioria dos espectadores está centrada na vitória da sua equipa. Se for ver o jogo de outra equipa que não a dele, então centrar-se-á mais no espectáculo.”*¹³.

¹⁰ T5

¹¹ T5

¹² T6

¹³ Treinador 2 (T2)

O treinador não é um espectador vulgar o elo emocional que o une ao jogo é imenso. Assim, *“A Estética para o treinador está totalmente ligada com a eficácia, são caminhos completamente paralelos. Eu não sinto prazer, por mais bem jogado que seja, se no final não alcancei o objectivo.”*¹⁴.

Não causa admiração que, devido a um forte elo emocional, haja treinadores que não conseguem desfrutar do jogo da sua equipa. *“Consigo desfrutar o jogo como adepto, e aí encontro acções Estéticas, porque estou mais disponível para esse tipo de desfrute. Coisa que não acontece quando estou a observar uma equipa em que tenho que estar mais concentrado, aspectos mais técnicos, mais táticos, mais estratégicos, e perco esse desfrutar do jogo. Agora quando o vejo como adepto, consigo desfrutar de coisas bonitas que acontecem no jogo e que sinto que são bonitas para mim, dentro daquilo que entendo que é bonito de se ver. Não há nenhum treinador que consiga desfrutar do jogo, porque a pressão é tremenda, e há uma dificuldade muito grande em desfrutar daquilo que estamos a fazer.”*¹⁵.

Mas, se o treinador conseguir ter prazer no jogo *“dá mais prazer quando essas coisas acontecem dentro daquilo que foi planeado em termos de treino, planeado em termos de projecção do jogo.”*¹⁶.

Apesar de para os intervenientes directos, a pressão extrema poder limitar o desfrute, um jogo entre duas grandes equipas no qual a emoção é significativa, valoriza-o esteticamente. Por exemplo, um jogo Porto - Benfica, como refere Magalhães (2006, p. 58), *“(...) é um património psico-social sedimentado que estrutura afectos.”*

“Você está numa partida de Futebol contra um grande adversário e com o estádio lotado, as jogadas que ocorrem durante essa partida podem ocorrer da mesma forma com um adversário menos qualificado e um estádio com

¹⁴ T3

¹⁵ Treinador 1 (T1)

¹⁶ T2

menos público, mas o prazer não é o mesmo. Eu acho que a Estética do Futebol está ligada a vários factores: um grande adversário, um grande jogo, um grande espectáculo e todo o grande espectáculo tem que ter um grande público.”¹⁷.

3.3 CATEGORIA C – JOGO

3.3.1 SUBCATEGORIA C1 – ESTILO DE JOGO

No jogo, como na «vida», na interacção indivíduo-meio, surgem padrões de comportamento que funcionam como «atractores» que exercem um certo magnetismo e delimitam a fronteira entre a infinitude do possível e a infinitude do impossível. Podemos entender os estilos de jogo como atractores de identidade, do traço que nos permite reconhecer e reconhecermo-nos nesse jogo. Pelo que, apesar da aleatoriedade do jogo, há padrões que nos mostram alguma regularidade.

Ao assistirmos a campeonatos de diferentes países, e mesmo a jogos das selecções (apesar da circulação dos jogadores das diversas selecções para campeonatos mais bem pagos, por vezes, uniformizar o estilo de jogo das selecções), percebemos a existência de traços que os singularizam e os diferenciam dos demais, aos quais chamamos estilo. Traços de jogo provenientes da história que os gerou, como, “(...) a mágica técnica dos brasileiros, a empolgante garra dos argentinos, a frieza táctica dos países de leste, o enigmático futebol africano, o tecnicismo táctico dos latinos, o vertiginoso futebol britânico, a força do futebol germânico (...)” (Lobo, 2002, p. 23).

¹⁷ T3

O estilo é assim apreciado por observadores e perseguido por treinadores. O estilo circulado parece ter mais valor. Diz um treinador que *“Ter a bola pressupõe ter a bola, saber marcar os ritmos de jogo. Esteticamente, com naturalidade, esse jogo é mais atractivo, do que um jogo onde a perspectiva é de uma rápida chegada à baliza, demasiados pontapés para a frente, poucos toques na bola, que poderá ser também bonito, mas que em termos estéticos não será tão agradável à vista.”*¹⁸. Um outro refere que *“Queremos que a nossa equipa jogue bem, que tenha prazer no jogo, um Futebol circulado, que entre em ruptura quando há espaços no interior da equipa. Quem não estiver preocupado com a qualidade do jogo, não está preocupado com a Estética.”*¹⁹. Um outro é bastante claro ao expressar esta ideia, *“Acho que prazer e satisfação não se coadunam com Futebol directo.”* e afirma mesmo que *“Infelizmente é isso que acontece na nossa Superliga, apesar da tentativa de alguns jornalistas falar de um Futebol criativo.”*²⁰.

Mas não caímos em universalizações. Não esqueçamos que os entrevistados são todos Portugueses à excepção de um, que é Brasileiro, pelo que naturalmente se compreende a «preferência» por um Futebol onde se privilegie muito toque na bola.

Não podemos deixar de abordar, ainda que ao de leve, a questão da globalização do jogo e da exportação de valores culturais. Lobo, (2002, p. 23) alerta assim para esta situação, *“(…) no tempo em que as fronteiras se esbatem e as influências culturais são cada vez maiores, o Futebol sente o perigo de ver os seus distintos estilos adulterados.”*

O Futebol, tal como todos os quadrantes da vida, evolui, o que gera diferentes gostos. *“você pode gostar mais do Futebol em termos estéticos de há uns anos atrás, em que havia muito espaço, havia muito mais tempo para*

¹⁸ T1

¹⁹ T5

²⁰ T4

*pensar, mais tempo para executar, mais tempo para fazer. Hoje há muito menos tempo para pensar e fazer. É diferente.*²¹.

Os cruzamentos inter culturais, e mesmo as influências intra culturais, vão «actualizando» o jogo às tendências dos tempos, sem que por isso o seu valor estético deixe de existir. O valor estético, por sua vez, e aproveitando o termo, é também «actualizado».

*Agora, “O Futebol é diferente, muito mais rápido, menos espaços, Há uns anos atrás os jogadores tinham 15 segundos para pensar o que fazer à bola, hoje não tem 1 segundo. A expressão Estética tem que ser diferente, é como os filmes, antigamente filmavas de uma forma, hoje é completamente diferente. É uma questão de gosto.”*²².

Neste sentido, *“Não há uma estética do jogo, existem sim estéticas do jogo. Vários modelos de jogo determinam várias formas de o valorizar e assim diferentes valores estéticos. E todos (as) eles (as) são valorizáveis. O importante é definir um modelo, uma organização, uma estética e procurar concretizá-lo (a).”*²³.

3.3.2 SUBCATEGORIA C2 – MOMENTOS DO JOGO

A análise da opinião veiculada pelo grupo em estudo evidenciou que o valor estético do Futebol não se pode circunscrever a esta ou aquela forma de jogar, nem a este ou aquele momento do jogo, isto porque esse valor estético tem uma essência subjectiva e pessoal. O que para um indivíduo sobressai numa jogada, pode permanecer oculto para um outro. Do mesmo modo, num momento do jogo alguém pode ser seduzido por um excelente movimento

²¹ T2

²² T2

²³ T6

colectivo defensivo, e esse mesmo momento ser de uma extrema qualidade individual para quem está ao lado.

Quais os momentos com valor estético?

Frases como “(...) a beleza no Futebol pode ser encontrada em qualquer fase do jogo.”²⁴, “Os quatro momentos do jogo possuem valor estético.”²⁵, deixam perceber que qualquer momento tem o seu valor estético.

Assim “Todos os momentos são interessantes (...) desde o primeiro minuto até ao último, acho que cada um tem o seu encanto, esteticamente pode ser sedutor por esta ou aquela razão, mas todos eles me entusiasмам. Até as paragens do jogo em si são interessantes, para ver como o jogador reage, o colectivo reage, o treinador reage, para ver se existe o tal medo, ou a tal confiança, todos os momentos são interessantes.”²⁶.

A beleza parece estar em todo o jogo, “Posso encontrar momentos de rara beleza na forma como a minha equipa defende, como se posiciona, na forma como faz as coberturas e as marcações, na forma como faz os desarmes e as recepções, utilizando os gestos técnicos, entre aspas, bonitos. Posso também encontrar esses movimentos quando a minha equipa está a atacar. Na forma como faz as combinações, na forma como resolve as situações individuais, na forma como faz as compensações ou as coberturas ofensivas.”²⁷.

Apesar de todos os momentos serem portadores de valor estético, este valor é diferenciado, “(...) há realmente nos diferentes momentos do jogo, diferentes Estéticas de jogo.”²⁸. “Como observador de Futebol, uma das coisas que gosto de ver é as movimentações das equipas, as movimentações

²⁴ T4

²⁵ T6

²⁶ Jornalista (J)

²⁷ T3

²⁸ T5

*defensivas e ofensivas (...) para mim os aspectos defensivos ou ofensivos podem ser estéticos.*²⁹”

Não obstante a diversidade e a liberdade inerentes à sensibilidade estética, o que significa que pode ser despertada por aspectos defensivos, ofensivos, de velocidade, individuais, colectivos, etc., os momentos com bola são os que têm mais valor estético como deixa perceber esta afirmação “*Gosto muito mais da harmonia com bola do que da harmonia sem bola. Na equipa que tem a bola há uma muito maior complexidade de movimentos, já há muito mais movimento na posse.*”³⁰.

Como que numa escala de valor estético, “*O menos belo, o menos estético, será certamente uma transição defensiva, porque passa por uma desorganização até voltarmos a organizar. Quando transitamos para defensiva temos que ter ali um período que nós queremos que seja muito rápido e que não nos salte muito à vista, em que estamos desorganizados para depois nos organizar.*”³¹. A falta de bola e de organização parece tornar o momento menos sedutor.

“*A organização defensiva também é bonita de ver. Mas para o espectador normal, essa transmissão de sensações, a Estética não existe muito. Para os treinadores sim, mas para os espectadores não.*”³². A falta de bola empobrece este momento em relação a outros em que existe a sua presença, neste sentido “*A organização defensiva não contém o mesmo grau de diversidade Estética, no plano do detalhe individual, que a organização ofensiva.*”³³.

Com mais intensidade nos chega os momentos com bola e “*(...) outro momento de transição, a ofensiva. Este já provocará momentos de maior*

²⁹ T2

³⁰ T5

³¹ T5

³² T5

³³ PU1

Estética, porque numa transição ofensiva muitas vezes o portador da bola tem que ter acções de grande qualidade técnica, que nos transmite muito prazer, para a equipa montar o ataque.³⁴

Como deixa perceber esta afirmação *“Mas sem dúvidas nenhuma eu penso que a organização ofensiva é o momento que mais beleza nos trás. Uma equipa com qualidade quanto mais tempo tiver a bola mais momentos estéticos nos transmite. Quanto mais existir bola nessa equipa mais se nos transmite essas sensações.”³⁵* o momento de ataque aquele com mais valor estético.

Dentro do ataque o golo é o momento mais apelativo. De certa forma o golo é a chama que aquece. Muitas vezes diz-se, «está um jogo morno, precisa de um golo». “O gol é o orgasmo do Futebol. (...) mesmo que seja golzinho é sempre goooooooooool (...) [com ele] o estádio se esquece que é de cimento, se solta da terra e vai para o espaço.” (Galeano, 1995, p.6).

A ideia do golo como momento sublime e com um valor estético imenso está presente nas falas dos nossos entrevistados, a seguir:

“O golo é o produto final. O golo é o grande objectivo do Futebol. O golo por si só já é a grande Estética do jogo. Há uma frase de um jogador que diz ‘não tem golo feio, feio é não fazer golo’. Às vezes ele é tão esquisito, tão bisonho, que tem uma Estética até pela sua feiura. Mas o golo é o objectivo final é o que mexe mais com a Estética do jogo.”³⁶

“O golo no jogo de Futebol será quase como a cereja no topo do bolo.”³⁷, e como deixa perceber esta afirmação, *“Eu gosto de um Futebol aberto, quanto mais ofensivo for o jogo e quanto mais golo sair, então melhor para mim.”³⁸*

³⁴ T5

³⁵ T5

³⁶ T3

³⁷ T4

³⁸ T3

O golo, “(...) como é comum dizer-se, é o sal e a pimenta do jogo. O golo é o que de mais bonito tem o jogo. Agora se transportarmos isto para o adepto o golo da sua equipa é o que é de mais bonito e o golo da outra equipa é feio. Um tem sensações agradáveis, chegou ao auge, enquanto o outro tem sensações desagradáveis. Para um espectador que queira o simples prazer do jogo, tem muito mais prazer num jogo com golos do que só com movimentos ofensivos, defensivos se não houver golos.”³⁹.

“O golo é uma exteriorização fundamental do Futebol, o Futebol enquanto espectáculo, tem balizas, o golo marcado e o golo sofrido, por mais que a gente queira dar voltas ao Futebol, a base do Futebol não muda. Ele nasceu foi assim.”⁴⁰.

“A finalização é que justifica tudo o resto. Se me pedires um momentos onde a Estética está de forma mais significativa, presente, eu diria na finalização e na relação finalizador-guarda-redes. Não deixa de ser um 1x1, mas é um momento determinante, chave, é o objectivo.”⁴¹.

“O golo trás o contraste de sentimentos, a alegria e a desilusão profunda. Esse é o momento que mais me deleita do ponto de vista de adepto.”⁴².

“O golo é o momento sublime da concretização das várias acções.”⁴³.

Se o golo é a chama que aquece, o que antecede o golo é a brasa que não se vê. Momentos de uma intensidade enorme. Um golo da equipa precedido de uma grande jogada é o momento mais extasiante do Futebol. As seguintes transcrições denotam isso mesmo:

³⁹ T5

⁴⁰ T2

⁴¹ PU2

⁴² J

⁴³ T6

“O movimento de finalização de uma jogada em que houve grandes combinações pode-me fazer levantar do sofá, ou da cadeira do estádio.”⁴⁴ .

“Se o golo surgir de uma relação esteticamente sedutora, da relação do ser humano-jogador, com a bola e com o espaço, evidente que empolga muito mais. Para quem está a assistir, quando a jogada está a desenrolar-se, via-se levantando para ver melhor, porque vai acontecer algo que tem que ser visto (...) eu acho até que não sendo golo é mais bonito, porque sabe-se ao princípio que a jogada de perigo vai aparecer, a relação jogador-bola-espaço, tem ar de golo, tu levantas-te, sobretudo se estás com esperança que seja golo, os outros ficam mais parados com o medo de que seja golo, depois a jogada desenrola-se, terminando em golo ou não, e provoca uma reacção diferente nas pessoas, mesmo esse momento de Ohhhh, é fantástico.”⁴⁵ .

“Para mim os melhores golos, são aqueles que são precedidos, ou estão contidos numa dinâmica que está para além do momento final de remate, isto é, implica o deixar pronto. Isto tem a ver com mobilidade, logo uma expressividade identificável como potenciadora da criação de situações daquele tipo, mas que por força da expressividade complexa do fenómeno nem sempre essas situações de finalização acontecem com golo. Isso quando acontece, e culmina com o golo, golo da minha equipa, ah, leva-me a perder as estribeiras.”⁴⁶ .

3.3.3 SUBCATEGORIA C3 – EFICÁCIA

A era moderna tem no capitalismo o modo de produção, que, por sua vez, tem como finalidade a «maximização do lucro». Diz-nos Santos (2002) que apesar dos ganhos da produtividade nos países centrais, por exemplo nos

⁴⁴ T5

⁴⁵ J

⁴⁶ PU1

Estados Unidos, ao contrário das expectativas, o tempo de lazer diminuiu e o tempo de trabalho aumentou. Esta dinâmica alimenta um paradoxo. Se temos mais bens materiais do que nunca tivemos, para quê trabalhar tanto?

Segundo Schnapper (1998) trabalhamos sobretudo para dominar a natureza, esta ambição está profundamente inscrita na democracia ocidental. Este autor refere mesmo que “(...) nas sociedades modernas, quanto mais importante se é, mais se trabalha. O emprego do tempo dos nossos primeiros-ministros é alucinante” (p. 17). Sendo o trabalho uma prioridade nas nossas vidas, chega-se a um momento em que, “(...) o cidadão moderno adquire a sua dignidade trabalhando.” (Schnapper, 1998, p. 16).

Para além da importância que atribuímos ao trabalho na actualidade, a «ideologia mundial de consumismo», «compulsão pelo consumo» referida por Santos (2002) acelerou o ciclo ganhar-gastar. Assim, onde o aumento da produção se fez sentir, houve também um aumento do consumo, do trabalho e da devoção ao trabalho.

Eficácia, rendimento, objectividade, pragmatismo, são termos cada vez mais usuais na sociedade e, numa escala menor, no Futebol. Este princípio parece estar presente no valor estético do jogo de Futebol, pelo menos para os nossos entrevistados.

Neste sentido *“Futebol é arte, Futebol é espectáculo, mas Futebol acima de tudo é resultado.”*⁴⁷.

Esta noção de resultado não retira valor estético ao Futebol, pois “A Estética [do Futebol] está ligada à eficácia. Qualquer gesto técnico eficaz tem a sua Estética. Não faz sentido dar 300 toques na bola, com todas as partes do corpo que esteticamente será agradável de se ver mas do ponto de vista objectivo não serve para nada. A Estética não é só adornar a bola sem

⁴⁷ T3

*objectividade.*⁴⁸. *Quando procuramos a eficácia concebemos acções que elas próprias pela sua organização possuem valores estéticos.*⁴⁹.

Um dos nossos entrevistados refere *“Para mim bonito é fazer qualquer coisa bem feita tendo em conta a eficácia dessa acção, e não fazer por fazer. Procuo jogar bem, é uma das coisas que eu não consigo dissociar da minha actividade, tendo eficácia.*⁵⁰.

Podemos pensar a eficácia como um valor presente no todo e na parte. Assim, *“Há muitas mais eficácias que a eficácia do golo. A eficácia do defesa conseguir fazer a interceptação, a eficácia do drible que resultou e logo a seguir sai o passe de ruptura mas o guarda-redes agarra a bola, a eficácia de um jogador que está em cobertura que após um grande drible sobre o seu colega consegue roubar. Mas não deixa de haver um momento belo e eficaz do jogo que foi o drible, mas logo a seguir houve outro momento estético, eficaz que foi a cobertura ao defesa ultrapassado.*⁵¹.

3.3.4 SUBCATEGORIA C4 – TÉCNICA / ACÇÕES INDIVIDUAIS

O jogo apresenta-se ao espectador durante 90 minutos e é, neste intervalo de tempo, que diferentes significados emergem no olhar de cada um.

Ao assistirmos ao jogo, sem que o procuremos de forma consciente, pode acontecer que num lance a dimensão individual nos seduza a atenção. De certa forma, *“(...) a questão da técnica está associada ao individual.*⁵²”, pois a estética individual, parece relacionar-se com as *“(...) acções criativas e*

⁴⁸ T4

⁴⁹ T6

⁵⁰ T1

⁵¹ T5

⁵² T3

*imaginativas próprias das características individuais de cada jogador.*⁵³, significando também “(...) *tudo aquilo que um jogador consegue fazer com bola.*”⁵⁴.

A Estética individual existe no movimento corporal, “(...) *nas acções individuais que um jogador executa durante um jogo, esta manifesta-se de uma forma individual quer no jogador com bola, quer no jogador sem bola. (...) Uma Estética individual relacionada com movimentação corporal do atleta.*”⁵⁵.

Vemos por vezes alguns jogadores exagerarem na sua individualidade, comprometendo mesmo o jogo da equipa e até lhes chamamos individualistas. Uns dizem que o Futebol necessita destes «artistas», é o que leva as pessoas aos estádios. Outros dizem que não têm o sentido do jogo. Apesar de não podermos concluir nada acerca desta problemática fica aqui algumas posições em relação a ela.

Um dos entrevistados, sobre esta problemática diz que, “*A questão da técnica está associada ao individual. É quando você tem uma vitória segura, o prazer está também nas jogadas individuais, nas técnicas individuais. Mas se o objectivo que é a vitória ainda não está seguro, o jogador fazer uma jogada mais simples e objectiva e que tenha eficiência para mim há uma Estética melhor do que o jogador a fazer uma jogada bonita, de malabarismo e que não resultou efectivamente na conclusão do golo.*”⁵⁶.

Já um outro não corrobora a ideia do «malabarismo» ineficaz ter lugar com o resultado feito, “*Julgo que Estética técnica será a execução de um gesto técnico agradável aos olhos, mas eficaz. Se não for eficaz será um gesto*

⁵³ T6

⁵⁴ T5

⁵⁵ T2

⁵⁶ T3

técnico próprio para malabarismo ou exibição, portanto não tem sequência e no Futebol, para mim, tem que ser objectivo.”⁵⁷.

3.3.5 SUBCATEGORIA C5 – TÁCTICA / ACÇÕES COLECTIVAS

Nem só os momentos individuais são detentores de valor estético. Para os entrevistados as acções colectivas são também possuidoras desse valor. Várias são as categorias que as caracterizam.

Associada a harmonia, sincronia, combinações: *“Estética colectiva tem a ver com a harmonização dos movimentos, com a sincronia que nós podemos ver e que revelem não só um grande trabalho de casa, um trabalho prévio que resulta nessas combinações proporcionando desenhos e coreografias bonitas, rumo à eficácia.”⁵⁸.*

Como relação de movimentos: *“A Estética colectiva são relações que existem dentro do campo de movimentos, no fundo uma linguagem gestual, eu corro para aqui, tu corres para ali, tu entras na frente eu faço um movimento de apoio, a cobertura, o aclaramento de zona, mudanças de corredor, se a bola vem da zona central ou do corredor esquerdo, começar a entrar pelo direito, isto é bonito e é colectivo.”⁵⁹.*

Acções e movimentos: *“(…) acções ofensivas e defensivas organizadas em função de princípios determinados que reflectem as ideias, as características e o trabalho colectivo implementado numa equipa. Todos os movimentos colectivos, em qualquer dos 4 momentos do jogo tem valor*

⁵⁷ T4

⁵⁸ T4

⁵⁹ T5

*estético, por isso são trabalhados de forma coordenada na procura da eficácia.*⁶⁰.

Movimentos e interacções: na *“(...) Estética colectiva há os desenhos próprios do movimento colectivo, a interacção dos jogadores nos seus movimentos.*⁶¹.

O discurso dos entrevistados deixa perceber que por vezes estes conceitos *individual* e *colectivo* se agregam de tal forma que se torna difícil dizer onde começa um e acaba o outro. As seguintes afirmações transmitem isto mesmo.

*“Tenho alguma dificuldade em fazer uma fronteira entre a técnica e a tática, quer do ponto de vista individual quer do ponto de vista colectivo.”*⁶².

*“A técnica mistura-se na tática e a tática na técnica, elas caminham tão juntas que é difícil separá-las. (...) mas penso que existem as duas.”*⁶³.

*“Estética da técnica, apesar de expressiva não se dissocia da tática. Assim como a acção individual não se dissocia da acção colectiva.”*⁶⁴.

Sendo o Futebol um jogo colectivo e de oposição, os jogadores fazem movimentos tendo como referência a bola, o campo, os companheiros, os adversários e o objectivo. São estas referências, que fazem com que um movimento, com ou sem bola, seja muito mais que um deslocamento entre dois pontos.

Usualmente chamamos técnica ao movimento individual. Dizemos «tecnicista» do jogador que se relaciona bem com a bola, embora o movimento individual sem bola também seja chamado de técnica.

⁶⁰ T6

⁶¹ T2

⁶² T4

⁶³ T5

⁶⁴ PU1

Chamamos tática à racionalização da diversidade de funções considerando o colectivo. Dividir e responsabilizar o individual no plano colectivo.

Cada vez mais o colectivo assume valor na nossa sociedade. E a mais valia do trabalho de equipa reside na sinergia que daí advém, que pressupõe, para além da diversidade, a existência de semelhanças essenciais que permitem a união (Lins, 2005).

Considerando que o jogo antes de ser jogado, é pensado, planeado e treinado, quase que ensaiado, em função do objectivo, a técnica é a forma de o materializar. A técnica individual é assim um ponto de união e articulação entre os elementos da mesma equipa rumo ao objectivo e, não deixando de ser individual, é também colectiva. Neste sentido a técnica individual para além de possuir em si valor estético, valoriza, quando articulada, o colectivo e o jogo da equipa. Os entrevistados parecem convergir para esta ideia:

O “(...) que mais apreciamos e mais vibramos é a Estética individual quando ela é equilibrada e quando tem o sentido do jogo. Aquela Estética individual que eu pego na bola e brinco com ela como no circo, não é Estética do jogo. Tem que ter um objectivo. E quem está a ver, vê que o objectivo é aquele, porque se ficar só por o gesto sem sequência, sem o objectivo, isso aí não gosto de ver, embora tenha uma Estética também, mas são duas situações diferentes.”⁶⁵.

“O que não pode acontecer é que os valores estéticos individuais (que são indispensáveis ao espectáculo) possam colocar em causa quer a estética quer a organização colectiva.”⁶⁶.

“ (...) quanto maior a intimidade com a bola, quanto mais a bola seja o prolongamento do corpo, a Estética aumenta. Essa capacidade, porque não existe no vazio, incrementa o jogo esteticamente. Transportando isso para o

⁶⁵ T5

⁶⁶ T6

colectivo, vamos procurar uma ideia de jogo, uma identidade em que há o transfer dessa Estética individual na forma colectiva.”⁶⁷.

“Este lado estético pode-se revelar em função de manifestações que são colectivas, e que ao acontecerem revelam presença de uma certa ritmicidade, dum determinado equilíbrio (entre atacar e defender), duma determinada expressividade (...) É mais frequente deixar-se influenciar pelo mais acessório, que também faz parte do lado estético, mas é uma espécie de prolongamento daquele. Deixa-se assim contaminar por uma excitação, por um adorno qualquer do Quaresma, nem que ele perca a bola, ou mesmo que isso seja feito junto à baliza da sua equipa. (...) A ênfase do estético no sentido da variedade, da diversidade da participação individual, dá-lhe expressividade alargada, dá-lhe ritmicidade alargada, mas compatibilizadas com uma dinâmica que coordena também as demais, sendo impossíveis de acontecerem, algumas, nos espaços onde devem dominar as outras.”⁶⁸.

“Provavelmente iremos encontrar mais qualidade Estética no passado do que no presente, não em relação a alguns padrões como a harmonia, dinâmica do funcionamento do ataque e da defesa, mas em relação à expressividade que é rentável, é eficaz, mas que assenta na diversidade de participação individual, de nos arregalar o olho.”⁶⁹.

O “(...) plano do individual, onde o detalhe pode ter tendência a absolutizar-se e a ser um fim em si, e que mesmo assim maravilha (um individuo mete a bola entre as pernas mas a seguir fica sem a bola) tem um valor estético definido, apesar da solução contornar o problema, só por desinformação se pode julgá-la articulada com a verdadeira natureza do fenómeno.”⁷⁰.

⁶⁷ J

⁶⁸ PU1

⁶⁹ PU1

Sabemos que o conhecimento do objecto por parte do sujeito facilita o encontro estético. No caso do Futebol o conhecimento de aspectos que vão para além da técnica individual e individualista, o conhecimento centrado em aspectos colectivos, que são em certa medida abstractos, facilita o encontro estético com a tendência colectiva do jogo.

Neste sentido, *“Aquele que melhor perceber o jogo, porque é que aquele homem jogou por ali, aquele não fechou, todo um conjunto de situações que acontecem ao longo do jogo, para quem as entende o que está a acontecer o jogo torna-se muito mais rico.”*⁷¹.

Mais selectivo, um dos entrevistados diz mesmo que, *“Quem não for treinador tem dificuldade em ver isto, (...) os movimentos com bola, sem bola, o que a equipa faz para recuperar a bola, nós sentimos que há um todo a movimentar-se em função de qualquer coisa. (...) Nós conseguimos perceber que há claramente um plano colectivo, que, esteticamente, para quem está a ver, é agradável à vista.”*⁷².

Um outro corrobora esta ideia ao referir *“Este jogador é de uma riqueza extraordinária em termos do segundo plano, o do detalhe, só que são detalhes de outro tipo. Ele vai receber um passe, apercebe-se do adversário que vem pelo lado direito, a primeira coisa que ele faz, em vez de dominar a bola junto ao corpo, é atirar a bola 3 metros para o lado direito, porque sabe que a inércia do adversário o colocará em vantagem não só numérica como espacial, mas isto é muito difícil de detectar. Só os grandes jogadores e treinadores detectam isto. Isto tem a ver com a cultura do jogo.”*⁷³.

⁷⁰ PU1

⁷¹ T5

⁷² T1

⁷³ PU1

3.4 CATEGORIA D – VITÓRIA DERROTA

“Em nossa cultura o espectáculo desportivo está assentado sobre uma dinâmica de forças oponentes, na qual o êxito de uma das partes implica o fracasso da outra. (...) Para os torcedores é a vitória/derrota do seu time que lhes importa sobremaneira e boa parte dos juízos estéticos (...) repousa sobre esta variante.” (Damo, 2001, p. 86).

“A derrota e a vitória são as duas faces da mesma moeda. Mas não são iguais. Normalmente a Estética da derrota é uma Estética que ninguém gosta de envergar. Encerra em si momentos de frustração, uma certa desmotivação de ter visto todo o trabalho cair por terra, encerra tristeza, angústias.”⁷⁴

O resultado final é um forte catalizador do jogo. Saber que no final se vence ou se perde faz toda a diferença, impulsiona os jogadores no sentido da superação em todas as dimensões do jogo. Mesmo uma «peladinha a feijões», se não for «renhida», o «sabor» desse jogo não é o mesmo.

Nesta linha Boxill (1988) entende a vitória, e o desejo de vencer, como elementos que desenvolvem o valor estético do jogo. Este autor, acerca do «ganhar» e do desejo de ganhar, diz que “Um jogo bem jogado, que é esteticamente prazeroso, apenas tem lugar numa competição onde haja o desejo de vencer, (...) em alguns casos só assim a beleza emerge.” (p. 515).

A estética está presente na vitória e na derrota. *“Há Estética da derrota. Ver uma equipa a comportar-se bem nesse momento, existe sensações boas de fair play, ser bem-educado transmite muito prazer a quem vê.”⁷⁵*

“A Estética da vitória é a Estética da celebração, quando se faz o golo, quando se ganha o jogo [que consiste para este entrevistado numa harmonia]. A harmonia da celebração da vitória.”⁷⁶

⁷⁴ T3

⁷⁵ T5

⁷⁶ T5

Mas existe também um sentimento de derrota na vitória e vice versa. Assim o diz este entrevistado, *“Nós vemos vitórias, que, apesar de o serem, não são como o resultado demonstra. O melhor exemplo aconteceu com o Benfica, apesar de ter ganho houve uma sensação de frustração por toda a gente porque acharam que a equipa em função do seu potencial colectivo e individual podia ter tido uma Estética diferente. Se a equipa jogasse bem e tivesse vencido pelo mesmo resultado, ou seja esteticamente individual e colectivamente os jogadores do Benfica tivessem agradado, o mesmo resultado era capaz de ter sido aceitável. Mas assim não, esteticamente a equipa não agradou, as pessoas não gostaram daquilo que viram, e por ironia do destino uma vitória foi quase uma derrota.”*⁷⁷.

Um dos entrevistados deixa a ideia de que a estética da vitória ou derrota, está mais presente na forma que o jogo tomou, do que propriamente no resultado final. *“Para mim há uma boa performance ou uma má performance, uma boa estética ou uma má estética, que podem estar ligadas a um bom resultado ou a um mau resultado. Mas, entendo que jogando-se melhor e assim colocando-se os valores estéticos do nosso modelo em prática estamos mais perto de vencer [o valor estético entre derrota e vitória não necessita de ser diferente]. Depende a que a derrota está ligada. A uma má ou a uma boa performance.”*⁷⁸.

⁷⁷ T3

⁷⁸ T6

Capítulo 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

“... Não fiquei a saber mais do que já sabia, E que soubeste tu, Nada”.

(Saramago, 2002)

Ainda que pareça repetitivo temos que dizer que o Futebol é actualmente muito mais que um jogo entre dois conjuntos de onze seres humanos. Este implica sonhos, sentidos de vida, influência, e, como indústria do ócio que é, implica sobrevivência para quem directamente dele depende.

É na dimensão lúdica sobre a qual incidimos. Uma dimensão que, sem desconsiderar o jogo e sua natureza antagónica, bem pelo contrário creditando-o como essência e alicerce, edifica um dos espectáculos mais apreciados do mundo. E se este espectáculo arrasta a multidão seduzindo sua atenção, vamos perceber o seu valor estético, quais as formas das forças que estão por trás dessa sedução.

Este estudo, de natureza exploratória, não tem a pretensão de fechar um campo, ou de universalizar as conclusões finais. Antes semear dúvidas e discussão a partir de uma perspectiva estética, esperando que o futuro as devolva sob a forma de um entendimento mais enriquecido acerca de um dos fenómenos mais globalizados da actualidade.

A bola é certamente o centro do jogo. Ela é, como referem os entrevistados, o objecto de desejo. Tudo o que se faz tem como referência primeira a bola. Suas características físicas influenciam a fluidez do jogo, de tal forma que, quando a bola não está com a pressão aconselhada, os jogadores notam e os árbitros substituem-na.

Apesar de nosso estudo não versar sobre o relvado, também as suas características físicas podem influenciar o valor estético do jogo, um relvado irregular dificulta a relação com a bola, um relvado com a relva alta torna o jogo lento, um relvado com a relva molhada torna o jogo rápido.

Mas é da relação bola relvado que tudo se desenrola. Quando a bola passeia demasiadamente pelo centro do relvado, há equilíbrio, é um jogo

morno, contido. Quando ela, sem rodeios, percorre todo o campo de costa a costa, para além do equilíbrio, há um grande jogo, um jogo aberto, «uma barrigada de Futebol». Quando ela prefere as proximidades de uma das balizas, há domínio. Quando ela inferniza uma baliza, beija os postes e viola a rede, há massacre.

Das entrevistas ficamos com a impressão de que o Futebol deve ser um espectáculo massificado, o que de certa forma já é. Veja-se os programas de televisão com as maiores audiências televisivas, o Futebol. Veja-se os estádios de futebol que, todas as semanas juntam milhares de espectadores em volta de vários espectáculos de Futebol. Na mira de um espectáculo massificado os entrevistados crêem num Futebol atractivo com valores estéticos associados à beleza, ao prazer, à satisfação.

O espectador que assiste ao Futebol, não se pode universalizar, existe um elo emocional que liga cada um ao jogo. Uns assistem como adeptos de uma equipa, outros como adeptos da outra, outros não são de nenhuma mas acabam por tomar partido, etc. Esta diversidade de espectadores diversifica também a apreciação desse jogo. Uns satisfazem-se com o drible, outros com o corte do adversário. Uns com o remate do avançado, outros com a defesa do guarda-redes.

Não obstante a singularidade da apreciação estética do jogo, um grande jogo, é sempre um grande jogo. Um Porto-Benfica, um Porto-Boavista, um Portugal-França, são jogos, como refere Magalhães (2006, p. 58) com “um património psico-social sedimentado que estrutura afectos”. E se estiver mais em disputa que o próprio resultado, uma final da Taça de Portugal, uma Liga Portuguesa «renhida», uma meia final do Mundial, esse património psico-social parece alastrar-se a ponto de seduzir a atenção de quase toda a sociedade. Quem não se lembra do Euro 2004?

Futebol é um jogo de objectivos simples, tentar introduzir a bola na baliza do adversário segundo as regras e não deixar que o adversário, também seguindo as regras, a introduza na outra baliza. No final, faz-se as contas e

quem tiver o saldo positivo, ganha, quem o tiver negativo, perde, ou pode ocorrer que o saldo seja nulo, o empate.

As formas utilizadas para atingir estes dois objectivos são várias. Uns tentam pelo chão, outros pelo ar; uns mais directos, outros mais apoiados; uns mais organizados, outros mais anárquicos; uns com aura vencedora, outros desinteressados do resultado; uns com dinâmicas colectivas, outros com dinâmicas individualistas, o certo é que tudo o que segue as regras é jogo.

Chamamos estilo a essas formas de jogo que são fruto da evolução histórica do jogo nas diversas selecções e mesmo nos diferentes clubes. Estas formas conferem identidade ao jogo dessas equipas, permitindo que tanto jogador como espectador o possam entender e identificar-se nele.

Para os entrevistados o jogo com mais valor estético é um jogo apoiado, em que haja bastante circulação de bola, um jogo em que a bola role de pé para pé até chegar ao objectivo. Mas note-se que os entrevistados são todos Portugueses à excepção de um Brasileiro.

A evolução do jogo no que concerne ao ritmo foi também abordada pelos entrevistados. Actualmente, reduz-se ao máximo o espaço de jogo do adversário e, sem espaço, este terá que executar mais rápido o que acelera o ritmo de jogo. Este, como outros traços da sua evolução, não adulteram o seu valor estético, pelo contrário, actualizam-no e revigoram-no. Uma expressão estética diferente, sim, mas ainda uma expressão estética.

O melhor indicador que podemos ter em relação à qualidade estética do Futebol é a massa de adeptos que seduz, pois são estes que lhe conferem o valor estético. Não podemos esquecer que para que um objecto tenha valor estético, tem necessariamente que haver um sujeito que lhe atribua esse valor, que se deixe seduzir e deleitar por esse objecto. Assim, se um estilo de Futebol consegue seduzir é porque o e seu valor estético é sentido pelos adeptos.

Embora o Futebol possa ter um conjunto de categorias estéticas que possam ser universais, com certeza cada estilo tem um valor estético diferenciado, por este ou aquele aspecto, o que legitima a ideia não de uma Estética do Futebol, mas de Estéticas do Futebol.

Uma equipa, no decurso do jogo, experimenta vários momentos. Uma vez tem a bola em seu poder e tenta não a perder, ou então ousa um pouco mais e tenta violar a baliza adversária. E, porque quem ousa arrisca algo, uma perda de bola nesses momentos ousados representa um parcial despreparo para defender, ou mesmo ausência de condições para executar a função com eficácia. Há momentos em que a equipa não tem de todo a bola. Há momentos em que não se sabe quem a tem. Há momentos em que o jogo pára. Há momentos em que o jogo recomeça, há momentos em que uma jogada de golo aparece mas o golo não ocorre, noutras o golo surge e com ele o festejo.

Para os entrevistados, embora haja diferenciação do seu valor, todos os momentos do jogo têm valor estético. E mesmo antes do jogo de Futebol existem momentos significativos, o Hino Nacional, o Hino da Liga dos Campeões, etc.

Não obstante a presença do valor estético em todo o jogo, o ataque é o momento que mais seduz os entrevistados. No ataque, entenda-se este como um momento em que a equipa tem a bola em seu poder, os momentos que deixa adivinhar o golo e o próprio golo são os mais valorizados. Sendo que este último, o golo é mesmo o clímax do jogo. Mas o melhor momento é um golo da equipa que se apoia, precedido de uma jogada que faça o espectador levantar da cadeira. Para os entrevistados esse momento é avassalador, um orgasmo do tamanho do estádio.

Na nossa sociedade, quem não tem um emprego, ou até um trabalho, para produzir algo, sente-se excluído. Num tempo de abundância material, ainda que não uniformemente distribuída, o trabalho é um valor essencial. A sensação de ser-se produtivo causa satisfação. Ouvimos e dizemos «bom trabalho», como forma de elogio, e mesmo no Futebol, quando uma equipa não atinge o objectivo ouvimos, «não ganharam mas trabalharam bem».

Tal como em qualquer outra actividade há que ser produtivo, há que atingir o objectivo, ser eficaz.

Para os entrevistados, Futebol é resultado, Futebol tem que ser objectivo, e o lance que não é objectivo perde valor estético. Pode ter outra estética qualquer mas não uma Estética que esteja em consonância com a natureza do jogo. Um drible sem objectivo, sem o sentido do jogo, torna-se inconsequente, reprovável e mesmo feio. Um alívio em zona de perigo, um corte para a bancada quando a bola está próxima do golo, tem o seu valor estético, mesmo sem ser executado com uma técnica muito rebuscada, é um movimento que demonstra coerência com a natureza do jogo.

Uma equipa é constituída por onze jogadores, cada um deles uma entidade individual possuidora de valor estético, veja-se o Quaresma, o Cristiano Ronaldo, o Ronaldinho, o Messi, o Zidane, o Figo, o Ricardo Carvalho, o Deco, o Lucho, o Anderson, todos com valor estético reconhecido.

Em certa medida, os aspectos técnicos do jogo são muitas vezes os mais apreciados no plano individual, principalmente a execução mais rebuscada, aquela que poucos fazem e que tornam um jogador autêntico, com um valor estético próprio. Os entrevistados alertam para o facto de que o abuso e o despropósito destas acções individuais empobrecem esteticamente o jogo. No entanto se estas acções estiverem em consonância com o jogo, aí enriquecem imensamente o jogo.

Mas a Estética para os entrevistados também emana das acções colectivas. Acções que articulam os indivíduos de tal forma que estes parecem indissociáveis. A técnica assume um valor de articulação entre os jogadores. Quase como um membro superior que pinta o quadro, onde intervém a mão o antebraço e o braço, todos os ossos e músculos e todas as suas uniões.

Dizem os entrevistados que a Estética do jogo caminha mais para este lado colectivo do jogo e para uma técnica centrada no colectivo do que para uma estética centrada na individualidade. No entanto, este tipo de desfrute, a apreciação das acções colectivas, necessita de um conhecimento mais aprofundado do jogo. Necessita de conhecimento de questões de ordem

táctica, do conhecimento da racionalidade que opera no colectivo. Necessita de uma maior cultura de jogo.

Fim do jogo. Resta o resultado final. Apesar de os entrevistados associarem à vitória uma Estética da alegria e da celebração, e à derrota uma Estética da tristeza e da desilusão, há ainda vitórias com sabor a derrotas e derrotas com sabor a vitória. Usualmente diz-se, «venceram mas não convenceram» quando o resultado não reflecte a forma. O resultado final é um elemento influente na apreciação estética, no sentimento final, mas esse sentimento é condicionado pela forma do jogo.

Assim, sinteticamente, o presente estudo permitiu concluir que:

- (1) O valor estético do jogo depende da bola, do relvado, da grandiosidade do jogo, do elo emocional que liga o apreciador ao jogo;
- (2) Se espera que este espectáculo proporcione momentos de alegria, satisfação, beleza, valores associados a uma estética do belo;
- (3) Qualquer momento do jogo tem valor estético, sendo que o ataque e, dentro deste, o golo, são os momentos com mais valor estético;
- (4) O golo, precedido de uma grande jogada, é, de todos, o clímax do jogo;
- (5) O valor estético do jogo não se confina às acções individuais, as acções colectivas demonstram, também, valor estético;
- (6) O valor estético da vitória e da derrota não emana apenas do resultado, mas também do que se produz para o alcançar.

Em jeito de conclusão, fica a sensação de pequenez frente a este tema. Por esta ser uma área que tem tanto de fértil como de inexplorada, deixa uma

impressão de incompletude, de que mais temas poderiam ser abordados. Assim, deixamos algumas sugestões para futuros trabalhos.

Parece interessante tentar perceber se a experiência estética no Futebol possui características idênticas às que ocorrem numa galeria de arte, numa sala de cinema ou num concerto de música.

Seguindo a linha deste trabalho, propomos estudos preocupados em identificar as forças e formas que seduzem o espectador normal, aquele que não reflecte diariamente acerca do Futebol.

Uma outra sugestão seria estudar a influência da televisão no valor estético do jogo de Futebol.

Também parece interessante descobrir se existe um estilo de jogo globalmente mais valorizado.

Pertinente também seria estudar se o factor sucesso a nível de resultado incrementa o valor estético de um estilo de jogo.

Capítulo 5. BIBLIOGRAFIA

5 BIBLIOGRAFIA

A

Azeredo, J. (2000). *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

B

Berleant, A. (2003). *The idea of a cultural aesthetic*. Dialogue and Universalism, Nº 11-12.

Best, D. (1988). The aesthetic in sport. In: Morgan, W. e Meier, K. (eds.). *Philosophic inquiry in sport*, 477-493. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

Bispo, R. (2004). Flash aesthesis: uma neurofisiologia da experiência estética. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 27 (2), 113-142.

Boxill, J. (1988). Beauty, Sport, and Gender. In: Morgan, W. & Meier, K. (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 509-518. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

Brenner, S. (2003). Ciência e humanidade. In: Fundação Calouste Gulbenkian. *Globalização, ciência, cultura e religiões*. Lisboa: Dom Quixote.

C

Cassorla, R. (2003). Prefácio. In: Turato, E. *Tratado da Metodologia da*

Pesquisa Clínico-Qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Costa, A. (1997). *À volta do estádio: O Desporto, o Homem e a Sociedade.* Porto: Campo das Letras.

Costa, J. e Melo, A. (1998). *Dicionário da Língua Portuguesa.* (8ª ed.). Porto: Porto Editora.

Cruyff, J. (2004). *Cruyff ensina as técnicas básicas.*
<http://pt.uefa.com/news/kind=4/newsid=152124.html>

Cruyff, J. (2002). *Me gusta el fútbol.* Barcelona: RBA.

D

Damásio, A. (2001). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano.* (22ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa – América.

Damo, A. (2001). Futebol e estética. *São Paulo em Perspectiva*, 15 (3), 82- 91.

E

El-Fayoumi, M. (2003). Problemáticas da globalização e o desafio civilizacional entre Islão e o Ocidente. In: Fundação Calouste Gulbenkian. *Globalização, ciência, cultura e religiões.* Lisboa: Dom Quixote.

F

Foer, F. (2006). *Como o Futebol explica o mundo. Um olhar inesperado sobre a globalização.* Lisboa: Palavra marca branca.

G

Galeano, E (2002). *Futebol ao sol e à sombra.* (2ª ed.). Porto Alegre: L&PM Editores.

Garcia, R. e Lemos, K. (2003). A Estética como um valor na educação física. *Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, 17 (1), 32-40.*

Garganta, J. (2005). Prefácio. In: Soares, J. *O treino do futebolista.* Porto: Porto Editora.

Garganta, J. (2001). *Futebol e Ciência. Ciência e Futebol.* Revista Digital - Buenos Aires, Año 7, nº 40. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

Garganta, J. e Silva, P. (2000). *O Jogo de Futebol: entre o caos e a regra.* Horizonte – Revista de Educação Física de Desporto, XVI (91): 5-8.

Ghiglione, R. e Matalon, B. (2005). *O Inquérito: Teoria e Prática.* Oeiras - Portugal: Celta Editora.

Gil, J (2005). *A imagem nua e as pequenas percepções - Estética e metafenomenologia.* (2ª ed.) Lisboa: Relógio de Água.

Gleick, J (2003). *Cada vez mais rápido.* Lisboa: Temas e Debates

Gleick, J (1989). *Caos. A criação de uma nova ciência.* (14ª ed.) Rio de Janeiro: Editora Campus.

J

Jesus, G. (2003). *Futebol, globalização e identidade local no Brasil.* Revista Digital - Buenos Aires, Año 8, Nº 57. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

Júnior, A. e Melo, D. (2006). *A fundação do subjetivo: o hábito para além da psicologia.* Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 18 (2), 69-82.

L

Lacerda, T. (2004). *Acerca da natureza da experiência estética desencadeada pelo encontro com o Desporto e do seu contributo para a educação Estética do ser humano.* In: *Professor de Educação Física Ofícios da Profissão* (Eunice Lebre e Jorge Bento, Eds.), FCDEF-UP.

Lacerda, T. (2002a). *Elementos para a Construção de uma Estética do Desporto.* (tese de Doutoramento), FCDEF-UP.

Lacerda, T. (2002b). *A Estética como uma dimensão de referência para o Desporto do século XXI.* Horizonte, XVIII (104), 18-20.

Lacerda, T. (1997). *Para uma Estética do Desporto.* Horizonte, XIII (78), 17-21.

Lima, A., Matinez, B. e Filho, J. (1987). *Introdução à antropologia cultural.* (7ª ed.) Lisboa: Editorial Presença.

Lins, S. (2005). *Sinergia: fator de sucesso nas realizações humanas.* Rio de

Janeiro: Elsevier.

Llosa, M. (2003). A cultura e a nova ordem internacional. In: Fundação Calouste Gulbenkian. *Globalização, ciência, cultura e religiões*. Lisboa: Dom Quixote.

Lobo, L. (2002). *Os Magos do Futebol*. Chiado: Bertrand Editora.

M

Maurício, I. (2002). *90 minutos de sabedoria*. Rio de Janeiro: Garamond.

Melo, V. (s.d.). *Educação Estética e animação cultural: Reflexões*.
<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/>

Moderno, J. (1998). *Estética do Futebol*. PRAXIS da Educação Física e dos Desportos. Rio de Janeiro, I (2), 51-60.

Morin, E. (2002). *Ciência com consciência*. (6ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Mounin, G. (1997). *Introdução à linguística*. Lisboa: Livros Horizonte.

O

Oliveira, A. (2002). Prefácio. In: Lobo, L. *Como Os Magos do Futebol*. Chiado: Bertrand Editora.

Ostermann, R. (2003). *Scolari: a alma do poeta*. Lisboa: Booktree.

P

Palmer, T. (s.d.). A globalização é fabulosa. [em linha]. [Consult. 30/04/2007]. Disponível em: www.causaliberal.net/convidados/globalizacaofabulosa.htm

S

Santos, B. (2002). *Pela mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade.* (8ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.

Santos, B. (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.* Porto: Edições Afrontamento.

Santos, B. (1999). *Um discurso sobre as ciências.* Porto: Edições Afrontamento.

Saramago, J. (2002). *O homem duplicado.* Lisboa: Editorial Caminho.

Schnapper, D. (1998). *Contra o fim do trabalho.* Lisboa: Terramar.

Sérgio, M. (2003). *Para uma nova dimensão do desporto.* Lisboa: Instituto Piaget.

Silva, P. (1999). *O lugar do corpo.* Lisboa: Instituto Piaget.

Sun Tzu. (2001). *A arte da guerra: uma nova interpretação.* (9ª ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.

T

Titiev, M. (196-?). *Introdução à antropologia cultural.* (2ª ed.) Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian.

Turato, E. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.* (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

V

Vilas Boas, A. (2006). *A cultura visual desportiva.* Porto: Edição de autor.

Artigos Jornal/Revista

Alegre, M. (2006). A bola. 27 de Novembro.

Antunes, A. (2004). Visão. Janeiro.

Magalhães (2006). Jornal de Notícias. 22 de Outubro.

Mourinho, J (2007). Correio da Manhã. 26 de Março. [em linha]. [Consult. 16/10/2007]. Disponível em:

<http://www.correiomanha.pt/noticia.asp?id=233954&idCanal=217>

Nistelrooy, V. (2004). O Jogo. 10 de Fevereiro.

Queiroz, C (2006). O Jogo. 30 de Dezembro.

Ronaldo, C. (2006). A Bola. 17 de Novembro.

Sachi, A. (2006) A Bola. 14 de Junho.

Scolari, L. (2005). Record. 12 de Março

Sousa, P. (2006). A Bola. 23 de Outubro.

Tostão. (2004) Público. 9 de Janeiro.

Valdano, J (2007). A Bola. 13 de Janeiro.

Valdano , J.(2006a). A Bola. 2 de Dezembro.

Valdano, J . (2006b). A Bola. 20 de Junho.

Valdano, J. (s.d.). [em linha]. [Consult. 16/10/2007]. Disponível em:
<http://www.cmvm.pt/NR/rdonlyres/10E723CB-5CC3-4589-9464-C8550BCE0860/2012/CAIbuquerque.pdf>

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevista-teste

Que entende por estética do futebol e qual o seu posicionamento em relação a ela?

Espectador

Empobrecimento do jogo

TV/Ao vivo

Lugar do treinador

Plano individual/ colectivo

Quem tira prazer do colectivo é quem o percebe

Treinar o jogo/ torná-lo mais expressivo

Quais os momentos do jogo que mais o deleitam? Fale-me sobre eles.

Golo

Pré golo

Beleza defensiva

Enredo colectivo

Individual/ descontextualizado é feio

Anexo 2 – Entrevista final

Tema: Estética do Futebol

Entrevistado:

Entrevistador: Daniel Neri Marinho

Data da entrevista:

Duração da entrevista:

Esta entrevista destina-se a recolher informação para o desenvolvimento de um trabalho monográfico sobre a estética do Futebol. Muito se fala e se escreve a propósito do Futebol, mas pouco se tem debatido o respectivo valor estético.

Através da presente entrevista pretende-se colher a opinião de treinadores de Futebol, perceber como argumentam e como explicitam o seu entendimento acerca da estética deste jogo desportivo.

Será mantido o anonimato, bem como a confidencialidade das respostas.

Muito obrigado por ter aceite em participar no estudo.

Idade –

Formação académica –

Formação profissional ao nível do Futebol –

Há quantos anos está ligado à modalidade como treinador –

Há quantos anos é treinador da 1ª liga -

1. Vamos começar por uma questão relativa ao jogo: é possível ou não identificar, na estrutura do jogo, momentos com valor estético diferenciado?

Se o entrevistado não referir, sugerir:

1.1. Ataque

1.2. Defesa

1.3. Transições

2. Agora vamo-nos situar nos aspectos individuais e colectivos. Do seu ponto de vista tem sentido ou não falar numa estética individual e numa estética colectiva?

2.1. Se sim, como caracteriza a estética individual?

2.2. E a estética colectiva?

2.3. Se não, porquê?

3. Localizemo-nos agora no domínio da técnica e da tática. Existe ou não uma estética da técnica e uma estética da tática?

Se for necessário: Ou seja, do ponto de vista da apreciação estética, há aspectos que se diferenciam ao nível técnico e ao nível tático?

4. Em seu entender a apreciação estética do futebol liga-se de alguma maneira à eficácia?

Se for necessário: Isto é, existe ou não uma relação directa entre estética e eficácia?

5. Qual o papel do golo na estética do Futebol?

6. Do ponto de vista estético, qual o significado da vitória e da derrota? Isto é, podemos falar de uma estética da vitória e de uma estética da derrota?

Se for necessário: Ou seja, o valor estético da vitória expressa-se por determinadas categorias e o da derrota por outras?

7. Qual a importância, o significado da bola, na estética do futebol?

8. Gostaria de referir mais algum aspecto que ajude a esclarecer o seu entendimento relativamente à estética do Futebol?

Anexo 3 – Categorias de análise

Categorias/ Entrevistado	Categoria A – Bola
PU1	<p>“A televisão amputa, a televisão é redutora, pois muito do que é estético em termos de futebol, é produzido pela expressividade que tem a ver com a equipa e que circunscrito à visualização do que se passa em torno da bola não se detecta. O que se está a passar longe da bola, tem a ver com o que se está a passar perto da bola”.</p>
PU2	
J	<p>“A partir do momento em que a bola seja um objecto que quase estorva, com quem não se tem intimidade, não se tem vontade de estar, de dar carinho, de tratar bem, e não apenas que ela faça aquilo que nós queremos, e o mais depressa possível. É necessário acariciar, tocar. Didi, um jogador Brasileiro, dizia que o jogador de futebol devia viver com a bolsa debaixo da cama, quando acordar começar a tocar, acaricia-la, abraça-la, sentir o cheiro do couro, sentir prazer em estar com ela”.</p>
T1	<p>“Mas também o jogador, como disse à pouco, em que a bola não se dissocia do seu corpo, lembro-me de dois jogadores, de Zidane e Maradona, a bola faz parte dele. Neste caso a bola nunca estorva, é o instrumento que faz parte do corpo, fazem o que querem com a bola e não deixam que se ter um jogo bonito, mas extremamente eficazes”.</p>
T2	
T3	<p>“É o objecto de desejo. A bola é o motivo da estética do jogo. Duas equipais lutando pelo prazer de ter a bola para daí alcançar seus objectivos. A estética da bola é um pouco como a estética do golo, sem ela não há estética”</p>
T4	<p>“A bola é um grande problema para alguns, à alguns jogadores que jogam muito bem até ao momento em que surge a bola e hoje parece que em Portugal cada vez mais está acontecer isso. Equipas que adoptam sistemas de futebol directo através de linha pré definidos, ou outras quaisquer e o</p>

	importante é pôr a bola muito longe da sua baliza e, como alguns dos seus treinadores dizem, lançar o contra ataque. Que não era mais que chutar a bola para a frente, que era como nós falávamos antigamente”.
T5	<p>“Nós enquanto espectadores (porque se falar enquanto treinador tenho que falar de um vasto conjunto de estéticas e eficácias) percebemos os melhores momentos, os momentos mais belos sempre associado à bola. Por exemplo nos jornais é muito raro ver fotografias de um jogo sem a bola. A bola está associada aos momentos mais altos do jogo. Muitas vezes nos jornais até vemos a bola e só vemos os pés do GR”.</p> <p>“É tão bonito ver a bola a bater na rede, é tão bonito ver a bola junto a um corpo que se move de uma forma constante e que tenta enganar o adversário. Podemos fazer um conjunto de movimentos dentro de um campo sem a bola, que nunca terá a mesma beleza do que com a bola. Não é por acaso que na ginástica rítmica há a fita e a bola, são fundamentais aquele lado estético de quem se move”.</p> <p>“A bola é que vai provocar movimentos. Estão as duas equipas formadas, enquanto o árbitro não puser a bola a andar as duas equipas não se mexem. Tudo se diz em função da bola. Costumasse dizer que sem bola nem a mulher das pipocas vende. A bola é a razão de estar lá os jogadores os árbitros os espectadores, as bilheteiras, a senhora a vender pipocas, as televisões. Sem a bola nada disso existe.</p> <p>Portanto a bola será sempre o elemento mais importante do jogo. Aquele movimento está certo ou errado em função da bola. Se retirar a bola o movimento está sempre certo. A bola é que leva a que o jogo ocorra”.</p>
T6	“A bola decide em muito a dimensão táctico-técnica do jogo. Todos os movimentoss (acções) do jogo são determinados pelas suas características e pelas regras do jogo”.

Categorias/ Entrevistado	Categoria B – Espectáculo
PU1	“Pelo menos quem assiste está condicionado, porque é tifosi, e diz até, não interessa mas ganhamos”.

	<p>“É um fenómeno artístico necessariamente, fruível por muita gente, mas que exige uma determinada identificação”.</p> <p>“É um fenómeno que tem que ser perspectivado também a este nível. Sem esse nível não existe! Sem espectador, sem adepto, não existe, não faz sentido”</p>
PU2	<p>“Tem a ver fundamentalmente com a beleza do próprio jogo (...) já não é tão estético quando tem muitas paragens no jogo, ou quando existem comportamentos com valores menos estéticos, a agressão, ou os treinadores assumem comportamentos como insultos, isso não tem nada a ver com Estética.”</p> <p>“Se muita gente vai ao futebol, é porque o futebol tem alguma coisa de estético, se o futebol não tivesse estética pouca gente assistiria. Como actividade o futebol tem muito de estético. “Mas face à adesão que o futebol tem tido, há mais valores estéticos que inestéticos”.</p>
J	
T1	<p>“Consigo desfrutar o jogo como adepto, e aí encontro acções Estéticas, porque estou mais disponível para esse tipo de desfrute. Coisa que não acontece quando estou a observar uma equipa em que tenho que estar mais concentrado, aspectos mais técnicos, mais tácticos, mais estratégicos, e perco esse desfrutar do jogo. Agora quando o vejo como adepto, consigo desfrutar de coisas bonitas que acontecem no jogo e que sinto que são bonitas para mim, dentro daquilo que entendo que é bonito de se ver. Não há nenhum treinador que consiga desfrutar do jogo, porque a pressão é tremenda, e há uma dificuldade muito grande em desfrutar daquilo que estamos a fazer”.</p>
T2	<p>“O espectador que assiste ao jogo da sua equipa, tira essencialmente prazer da vitória. Se calhar até todos gostam do Futebol espectáculo, mas a grande maioria dos espectadores está centrada na vitória da sua equipa. Se for ver o jogo de outra equipa que não a dele, então centrar-se-á mais no espectáculo”.</p> <p>“para um treinador dá mais prazer quando essas coisas acontecem dentro</p>

	daquilo que foi planeado em termos de treino, planeado em termos de projecção do jogo.”
T3	<p>“a Estética para o treinador está totalmente ligada com a eficácia, são caminhos completamente paralelos. Eu não sinto prazer, por mais bem jogado que seja, se no final não alcancei o objectivo”.</p> <p>“você está numa partida de Futebol contra um grande adversário e com o estádio lotado, as jogadas que ocorrem durante essa partida podem ocorrer da mesma forma com um adversário menos qualificado e um estádio com menos público, mas o prazer não é o mesmo. Eu acho que a Estética do Futebol está ligada a vários factores: um grande adversário, um grande jogo, um grande espectáculo e todo o grande espectáculo tem que ter um grande público”.</p>
T4	“o Futebol deve estar virado para o público. Deve proporcionar a quem está a ver momentos de prazer, alegria e satisfação”
T5	<p>“o jogo transmite-me, enquanto espectador, sensações. Algo que é estético e me transmite essa sensação de beleza. Algo que nos toca de uma forma profunda, e até apaixonada (...) Acho que a Estética é algo que nos transmite sensações de prazer”.</p> <p>“muitas vezes apoiamos uma equipa e não gostamos da outra. A equipa de quem não gostamos ao longo do jogo perde e vemos os jogadores a abraçar-se e a apoiar-se mutuamente e até começamos a simpatizar. Neste sentido esta Estética também nos transmite prazer. Apesar de ser um momento duro e os jogadores terem perdido, há alguma coisa que vem deles e nos transmite prazer”.</p> <p>“não se pode generalizar (...) uns assistem enquanto adeptos, outros assistem apaixonados pela modalidade sendo adeptos de um clube e depois há aqueles que assistem porque se apanharam no jogo e estão a observá-lo de uma forma distante”.</p>
T6	

Categorias/ Entrevistado	Categoria C – Jogo Subcategoria C1– Estilo de Jogo
PU1	
PU2	
J	
T1	<p>“ter a bola pressupõe ter a bola, saber marcar os ritmos de jogo. Esteticamente, com naturalidade, esse jogo é mais atractivo, do que um jogo onde a perspectiva é de uma rápida chegada à baliza, demasiados pontapés para a frente, poucos toques na bola, que poderá ser também bonito, mas que em termos estéticos não será tão agradável à vista”.</p>
T2	<p>“você pode gostar mais do Futebol em termos estéticos de há uns anos atrás, em que havia muito espaço, havia muito mais tempo para pensar, mais tempo para executar, mais tempo para fazer. Hoje há muito menos tempo para pensar e fazer. É diferente. O Futebol é diferente, muito mais rápido, menos espaços, Há uns anos atrás os jogadores tinham 15 segundos para pensar o que fazer à bola, hoje não tem 1 segundo. A expressão Estética tem que ser diferente, é como os filmes, antigamente filmavas de uma forma, hoje é completamente diferente. É uma questão de gosto”.</p>
T3	
T4	<p>“Acho que prazer e satisfação não se coadunam com Futebol directo” e afirma mesmo que “infelizmente é isso que acontece na nossa Superliga, apesar da tentativa de alguns jornalistas falar de um Futebol criativo”.</p>
T5	<p>“Queremos que a nossa equipa jogue bem, que tenha prazer no jogo, um Futebol circulado, que entre em ruptura quando há espaços no interior da equipa. Quem não estiver preocupado com a qualidade do jogo, não está preocupado com a Estética”.</p>

T6	<p>“não há uma estética do jogo, existem sim estéticas do jogo. Vários modelos de jogo determinam várias formas de o valorizar e assim diferentes valores estéticos. E todos (as) eles (as) são valorizáveis. O importante é definir um modelo, uma organização, uma estética e procurar concretizá-lo (a)”.</p>
----	--

Categorias/ Entrevistado	<p style="text-align: center;">Categoria C – Jogo Subcategoria C2 – Momentos do Jogo</p>
PU1	<p>“Utilizando conceitos quase universalizados por muitas actividades, a largura, a profundidade, a altura, o espaço e o tempo, quanto mais o jogo for jogado em largura e em profundidade, contemplando também a altura, a diversidade que promove é um nunca mais acabar. Esta expressividade se for sustentada numa dinâmica coordenada, que seja geometricamente detectável, ao ponto de dizer esta é a equipa A ou a equipa B, é extraordinária. Mais, o espaço, já dizia o Einstein, e o tempo não se separam. O pequeno espaço pode (para quem tecnicamente é bom) ter um tempo muito dilatado, fazer subir a bola, simula, e o espaço alarga-se. O Djaló, sem espaço criou espaço, incorporando-lhe tempo, com uma qualidade, uma expressividade, uma ritmicidade, que não é para qualquer um, e é portanto uma obra de arte. Isto inflama, entusiasma, cativa, é quase um momento de magia. O problema é quando se ilude, separadamente da eficiência”.</p> <p>“Mas contendo o jogar bem significativamente os dois planos, a organização defensiva não contém o mesmo grau de diversidade estética, no plano do detalhe individual, que a organização ofensiva”.</p> <p>“È mais expressivo porque se calhar o ataque contagia mais pela complementaridade acontecimental da expressividade dos dois planos. Nós não podemos esfacelar esta hierarquização que temos que fazer. Talvez o golo seja o mais extasiante, portanto somos mais contagiados por isso. Mas nem toda a gente é assim. Por exemplo com o Ivic, em situação de treino com finalização ... eu enfatizava a situação de golo, “boa Domingos”, e o Ivic disse-me “professor, Boa Vítor Baia”...</p>

	<p>“Às vezes fazem essas classificações do melhor golo! Reconheço alguma importância, algum espanto, mas para mim os melhores golos, são aqueles que são precedidos, ou estão contidos numa dinâmica que está para além do momento final de remate, isto é, implica o deixar pronto. Isto tem a ver com mobilidade, logo uma expressividade identificável como potenciadora da criação de situações daquele tipo, mas que por força da expressividade complexa do fenómeno nem sempre essas situações de finalização acontecem com golo. Isso quando acontece, e culmina com o golo, golo da minha equipa, ah, leva-me a perder as estribeiras. A mim e a qualquer um. E aqueles que perdem, servindo-me da anedota do Inglês, se calhar se tirarem as mãos dos bolsos, tem um testículo em cada mão”</p>
<p>PU2</p>	<p>“Agora também temos que perceber, que a finalização é que justifica tudo o resto, se me pedires um momentos onde a estética este de forma mais significativa presente, eu diria na finalização e na relação finalizador Guarda Redes. Não deixa de ser um 1x1, mas é um momento determinante, chave, é o objectivo”.</p>
<p>J</p>	<p>“O golo trás o contraste de sentimentos que eu te disse, a alegria e a desilusão profunda...esse é o momento que mais me deleita do ponto de vista de adepto, do ponto de vista de analista de futebol, tático e técnico, do jogo em si, todos os momentos são interessantes”.</p> <p>“Se o golo surgir de uma relação esteticamente sedutora, da relação do ser humano jogador, com a bola e com o espaço, evidente que empolga muito mais. Para quem este a assistir, quando a jogada está a desenrolar-se, via-se levantando para ver melhor, porque vai acontecer algo que tem que ser visto...”</p> <p>“Mesmo não sendo golo, eu acho até que não sendo golo é mais bonito, porque sabe-se ao princípio que a jogada de perigo vai aparecer, a relação jogador, bola, espaço, ter ar de golo, tu levantas-te, sobretudo se estás com esperança que seja golo, os outros ficam mais parados com o medo de que seja golo, depois a jogada desenrola-se, terminando em golo ou não, e provoca uma reacção diferente nas pessoas, mesmo esse momento de Ohhhh, é fantástico. Cruyff até dizia que quando está a ganhar 3 a 0 gosta</p>

	<p>muito mais de enviar uma bola ao poste para ouvir o Oooohhhh, do que marcar mais um golo, que seria mais um.</p> <p>“Portanto aquilo que precede o golo em si é fundamental, podes dizer que está ali reunido aquilo que podes considerar uma obra de arte”.</p>
T1	<p>“Uma jogada de golo e o que está trás da finalização. Aquilo que foi feito, como é desenvolvido até ao golo. Mas também o jogador, como disse à pouco, em que a bola não se dissocia do seu corpo, lembro-me de dois jogadores, de Zidane e Maradona, a bola faz parte dele. Neste caso a bola nunca estorva, é o instrumento que faz parte do corpo, fazem o que querem com a bola e não deixam que se ter um jogo bonito, mas extremamente eficazes”.</p>
T2	<p>“Como observador de futebol, uma das coisas que gosto de ver é as movimentações das equipas, as movimentações defensivas e ofensivas...”</p> <p>“Obviamente, o golo é uma exteriorização fundamental do futebol, o futebol enquanto espectáculo, tem balizas, o golo marcado e o golo sofrido, por que a gente queira dar voltas ao futebol, a base do futebol não muda. Ele nasceu foi assim...”</p> <p>“Para nós treinadores, é muito importante a minha equipa marcar o golo, mas não é menos importante a minha equipa não deixar marcar o golo, enquanto que para o espectador, não interessa em que baliza entra o golo. Neste sentido há uma leitura um pouco diferente do jogo. Agora isso não quer dizer que o olhar estético, que é disso que estamos a falar, não permite valorizar o defensivo ou o ofensivo. Para mim os aspectos defensivos ou ofensivos podem ser estéticos”.</p> <p>“Quando uma equipa está a atacar, nunca podemos dissociar o golo, quando há uma acção colectiva da equipa, ou individual, com estética, que resulta e que tem a cereja no topo do bolo, que é o golo, obviamente que esse é o momento máximo. Como na acção defensiva quando o adversário nos está a atacar e nós num bom movimento defensivo, e aí as acções são mais colectivas do que propriamente individuais, conseguindo que o adversário faça golo”.</p> <p>“Há expressões do jogo ofensivo brilhantes, que terminam com a tal cereja</p>

	<p>em cima do bolo, golos brilhantes, por exemplo o golo do Benfica contra o Celtic, temos visto golos que são brilhantes na execução técnica individual e outros que são brilhantes pela estética colectiva. Sempre que resulta desta beleza de movimentos, em que a bola e jogadores se interligam, são brilhantes. Se for ver os 10 mais, o que vai aparecer é de expressão estética individual, os golos que são de expressão estética colectiva, e fortíssima e brilhante, essas raramente aparecem”.</p>
T3	<p>“eu gosto de um futebol aberto, quanto mais ofensivo for o jogo e quanto mais golo sair, então melhor para mim. Aí a questão da eficácia pouco importa. O que realmente me agrada é um jogo bem jogado, aberto, com duas equipas procurando o ataque de preferência com muitos golos”</p> <p>“O golo é mo produto final. O golo é o grande objectivo do futebol. O golo por si só já é a grande estética do jogo. Há uma frase de um jogador que diz «não tem golo feio, feio é não fazer golo». Às vezes ele é tão esquisito, tão bisonho, que tem uma estética até pela sua feiura. Mas o golo é o objectivo final é o que mexe mais com a estética do jogo”.</p>
T4	<p>“posso encontrar momentos de rara beleza na forma como a minha equipa defende, como se posiciona, na forma como faz as coberturas e as marcações, na forma como faz os desarmes e as recepções, utilizando os gestos técnicos, entre aspas, “bonitos”, tecnicamente bem executados, deslocamentos correctos com posturas bem definidas, e do ponto de vista ergonómico perfeitamente definidos, os movimentos cíclicos e acíclicos bem determinados”.</p> <p>“Posso também encontrar esses movimentos quando a minha equipa está a atacar. Na forma como faz as combinações, na forma como resolve as situações individuais, na forma como faz as compensações ou as coberturas ofensivas. Portanto penso que a beleza no futebol pode ser encontrada em qualquer fase do jogo”.</p> <p>“O papel do golo no jogo de futebol será quase como a cereja no topo do bolo. Uma combinação ou um conjunto de movimentos esteticamente bonitos ou perfeitos. Apesar de que não há a estética perfeita, há vários movimentos que podemos considerar esteticamente válidos, e bonitos, e</p>

	<p>eficazes, que parecem que no último momento de execução, que antecipa o golo, também esteja previsto um gesto que nos encha os olhos”.</p>
T5	<p>“Há realmente diferentes momentos no jogo, diferentes estéticas no jogo. Gosto muito mais da harmonia com bola do que da harmonia sem bola. Na equipa que tem a bola há uma muito maior complexidade de movimentos, já há muito mais movimento na posse. Aqui entramos também na estética colectiva e individual, e esse conjunto de sensações transmite-se de formas diferentes. O movimento de finalização de uma jogada em que houve grandes combinações pode-me fazer levantar do sofá, ou da cadeira do estádio, e ver uma defesa de um guarda Redes ou de um pontapé de longe, posso achar esse movimento belo e não provocar esse impulso”.</p> <p>“O menos belo, o menos estética será certamente uma transição defensiva, porque passa por uma desorganização até voltarmos a organizar. Se estamos numa organização ofensiva, quando transitamos para defensiva temos que ter ali um período que nós queiramos que seja muito rápido e que não nos salte muito à vista, em que estamos desorganizados para depois nos organizar. Portanto esse momento de transição não será muito bonito. Depois temos outro momento de transição, ofensiva. Este já provocará momentos de maior estética, porque numa transição ofensiva muitas vezes o portador da bola tem que ter acções de grande qualidade técnica, que nos transmite muito prazer, para a equipa montar o ataque. Mas sem duvidas nenhuma eu penso que a organização ofensiva é o momento que mais beleza nos trás. Uma equipa com qualidade quanto mais tempo tiver a bola mais momentos estético nos transmite. Quanto mais existir bola nessa equipa mais se nos transmite essas sensações”.</p> <p>“A organização defensiva também é bonita de ver. Mas para o espectador normal, essa transmissão de sensações estéticas não existe muito. Para os treinadores sim, mas para os treinadores não”.</p> <p>“O golo é, como é comum dizer-se, o sal e a pimenta do jogo. O golo é o que de mais bonito tem o jogo. Agora se transportarmos isto para o adepto o golo da sua equipa é o que de mais bonito e o golo da outra equipa é feio. Um tem sensações agradáveis, chegou ao auge, enquanto o outro tem</p>

	<p>sensações desagradáveis.</p> <p>Para um espectador que queira o simples prazer do jogo, tem muito mais prazer num jogo com golos do que só com movimentos ofensivos, defensivos se não houver golos”.</p>
T6	“Os quatro mementos do jogo possuem valor estético”.

Categorias/ Entrevistado	Categoria C – Jogo Subcategoria C3 – Eficácia
PU1	
PU2	“Para ultrapassar o adversário, não preciso de fazer muitas coisinhas, a estética consiste nisto de fazer coisas difíceis de forma fácil, de encontrar as formas mais fáceis”.
J	
T1	<p>“Para mim bonito é fazer qualquer coisa bem feita tendo em conta a eficácia dessa acção, e não fazer por fazer, enquanto os adeptos gostam do malabarismo”.</p> <p>“procuro jogar bem, é uma das coisas que eu não consigo dissociar da minha actividade, tendo eficácia, e à a necessidade de haver sem pré aqui um compromisso, entre o gesto do malabarista e o gesto bem feito que é eficaz, e que é bonito também”.</p>
T2	
T3	<p>“Futebol é arte, futebol é espectáculo, mas futebol acima de tudo é resultado. Aqui no Brasil não se analisa trabalho, se analisa resultado. Esquecendo-se muitas vezes que futebol é um jogo e que um jogo se ganha e se perde. Então na minha concepção a estética, o prazer está totalmente ligado ao resultado. É difícil você sentir prazer numa situação em que você não alcança o principal objectivo que é o jogo”.</p> <p>“Eu acho que a estética para o treinador está totalmente ligada com a</p>

	<p>eficácia, são caminhos completamente paralelos. Eu não sinto prazer, por mais bem jogado que seja, se no final não alcancei o objectivo. Você sabe que no decorrer da partida há momentos que você pode sentir um prazer mas é um prazer mais fugaz. Aquele prazer mais efectivo na minha concepção está totalmente ligado ao resultado”.</p>
T4	<p>“Eu julgo que a estética está ligada à eficácia. Qualquer gesto técnico eficaz (e não há o mais ou menos eficaz, ou se é eficaz ou não se é eficaz) tem a sua estética. Agora não se pode definir para o remate apenas uma estética, não se pode padronizar a estética para os movimentos, ou seja dizer: para se fazer o remate em meia volta a estética é esta. Julgo que há várias formas para se fazer um remate. Sendo deferentes os gestos são todos bonitos e agradáveis de se ver”.</p> <p>“Não faz sentido dar 300 toques na bola, com todas as partes do corpo que esteticamente será agradável de se ver mas do ponto de vista objectivo não serve para nada. A estética não é só adornar a bola sem objectividade. E por exemplo no treino um objectivo que seja muito semelhante ao da competição, que é a execução rápida mas correcta, fazer uma recepção com rapidez, controlando o obstáculo com a bola perfeitamente dominada mas rápido, com a libertação da visão e com o enquadramento das várias linhas do campo. Este exemplo está mais próximo da estética do jogo do que aqueles jogadores que se vê a por a bola no pescoço, na nuca, a darem toques com as nádegas, etc. que não tem nada a ver com a estética, pelo menos a estética do jogo e não fora do jogo”.</p>
T5	<p>“Mas a eficácia não se resume ao golo. Há muitas mais eficácias que a eficácia do golo. A eficácia do defesa conseguir fazer a intercepção, A eficácia do drible que resultou e logo a seguir saí o passe de ruptura mas o GR agarra a bola. A eficácia de um jogador que está em cobertura que após um grande drible sobre o seu colega consegue roubar. Mas não deixa de haver um momento belo e eficaz do jogo que foi o drible, mas logo a seguir houve outro momento estético, eficaz que foi a cobertura ao defesa ultrapassado”.</p>

T6	“Quando procuramos a eficácia concebemos acções que, elas próprias, pela sua organização, possuem valores estéticos”.
----	---

Categorias/ Entrevistado	Categoria C – Jogo Subcategoria C4 –Acções Individuais/ Técnica
PU1	
PU2	
J	
T1	
T2	“nas acções individuais que um jogador executa durante um jogo, esta manifesta-se de uma forma individual quer no jogador com bola, quer no jogador sem bola. (...) Uma Estética individual relacionada com movimentação corporal do atleta”.
T3	“a questão da técnica está associada ao individual.” “a questão da técnica está associada ao individual. É quando você tem uma vitória segura, o prazer está também nas jogadas individuais, nas técnicas individuais. Mas se o objectivo que é a vitória ainda não está seguro, o jogador fazer uma jogada mais simples e objectiva e que tenha eficiência para mim há uma Estética melhor do que o jogador a fazer uma jogada bonita, de malabarismo e que não resultou efectivamente na conclusão do golo”.
T4	“Julgo que Estética técnica será a execução de um gesto técnico agradável aos olhos, mas eficaz. Se não for eficaz será um gesto técnico próprio para malabarismo ou exibição, portanto não tem sequência e no Futebol, para mim, tem que ser objectivo”.
T5	“é tudo aquilo que um jogador consegue fazer com bola”.

T6	“acções criativas e imaginativas próprias das características individuais de cada jogador”.
----	---

Categorias/ Entrevistado	Categoria C – Jogo Subcategoria C5 – Acções Colectivas/ Tática
PU1	<p>“Estética da técnica, apesar de expressiva não se dissocia da tática. Assim como acção individual não se dissocia da acção colectiva”.</p> <p>“Este lado estético pode-se revelar em função de manifestações que são colectivas, e que ao acontecerem revelam presença de uma certa ritmicidade, dum determinado equilíbrio (entre atacar e defender), dum determinada expressividade (...) É mais frequente deixar-se influenciar pelo mais acessório, que também faz parte do lado estético, mas é uma espécie de prolongamento daquele. Deixa-se assim contaminar por uma excitação, por um adorno qualquer do Quaresma, nem que ele perca a bola, ou mesmo que isso seja feito junto à baliza da sua equipa. (...) A ênfase do estético no sentido da variedade, da diversidade da participação individual, dá-lhe expressividade alargada, dá-lhe ritmicidade alargada, mas compatibilizadas com uma dinâmica que coordena também as demais, sendo impossíveis de acontecerem, algumas, nos espaços onde devem dominar as outras”.</p> <p>“provavelmente iremos encontrar mais qualidade Estética no passado do que no presente, não em relação a alguns padrões como a harmonia, dinâmica do funcionamento do ataque e da defesa, mas em relação à expressividade que é rentável, é eficaz, mas que assenta na diversidade de participação individual, de nos arregalar o olho”.</p> <p>“plano do individual, onde o detalhe pode ter tendência a absolutizar-se e a ser um fim em si, e que mesmo assim maravilha (um individuo mete a bola entre as pernas mas a seguir fica sem a bola) tem um valor estético definhado, apesar da solução contornar o problema, só por desinformação se pode julgá-la articulada com a verdadeira natureza do fenómeno”. “Este jogador é de uma riqueza extraordinária em termos do segundo plano, o do detalhe, só que são detalhes de outro tipo. Ele vai receber um passe, apercebe-se do adversário que vem pelo lado direito, a primeira coisa que</p>

	<p>ele faz, em vez de dominar a bola junto ao corpo, é atirar a bola 3 metros para o lado direito, porque sabe que a inércia do adversário o colocará em vantagem não só numérica como espacial, mas isto é muito difícil de detectar. Só os grandes jogadores e treinadores detectam isto. Isto tem a ver com a cultura do jogo”.</p>
PU2	
J	<p>“quanto maior a intimidade com a bola, quanto mais a bola seja o prolongamento do corpo, a Estética aumenta. Essa capacidade, porque não existe no vazio, incrementa o jogo esteticamente. Transportando isso para o colectivo, vamos procurar uma ideia de jogo, uma identidade em que há o transfere dessa Estética individual na forma colectiva”.</p>
T1	<p>“quem não for treinador tem dificuldade em ver isto, (...) os movimentos com bola, sem bola, o que a equipa faz para recuperar a bola, nós sentimos que há um todo a movimentar-se em função de qualquer coisa. (...) Nós conseguimos perceber que há claramente um plano colectivo, que, esteticamente, para quem está a ver, é agradável à vista”.</p>
T2	<p>“Estética colectiva há os desenhos próprios do movimento colectivo, a interacção dos jogadores nos seus movimentos”.</p>
T3	
T4	<p>“Estética colectiva tem a ver com a harmonização dos movimentos, com a sincronia que nós podemos ver e que revelem não só um grande trabalho de casa, um trabalho prévio que resulta nessas combinações proporcionando desenhos e coreografias bonitas, rumo à eficácia”.</p> <p>“Tenho alguma dificuldade em fazer uma fronteira entre a técnica e a tática, quer do ponto de vista individual quer do ponto de vista colectivo”.</p>
T5	<p>“A Estética colectiva são relações que existem dentro do campo de movimentos, no fundo uma linguagem gestual, eu corro para aqui, tu corres para ali, tu entras na frente eu faço um movimento de apoio, a cobertura, o aclaramento de zona, mudanças de corredor, se a bola vem da zona central ou do corredor esquerdo, começar a entrar pelo direito, isto é bonito e é</p>

	<p>colectivo”.</p> <p>“a técnica mistura-se na tática e a tática na técnica, elas caminham tão juntas que é difícil separa-las. (...) mas penso que existem as duas”.</p> <p>“que mais apreciamos e mais vibramos é a Estética individual quando ela é equilibrada e quando tem o sentido do jogo. Aquela Estética individual que eu pego na bola e brinco com ela como no circo, não é Estética do jogo. Tem que ter um objectivo. E quem está a ver, vê que o objectivo é aquele, porque se ficar só por o gesto sem sequência, sem o objectivo, isso aí não gosto de ver, embora tenha uma Estética também, mas são duas situações diferentes”.</p> <p>“Aquele que melhor perceber o jogo, porque é que aquele homem jogou por ali, aquele não fechou, todo um conjunto de situações que acontecem ao longo do jogo, para quem as entende o que está a acontecer o jogo torna-se muito mais rico”.</p>
T6	<p>“acções ofensivas e defensivas organizadas em função de princípios determinados que reflectem as ideias, as características e o trabalho colectivo implementado numa equipa. Todos os movimentos colectivos, em qualquer dos 4 momentos do jogo tem valor estético, por isso são trabalhados de forma coordenada na procura da eficácia”.</p> <p>“O que não pode acontecer é que os valores estéticos individuais (que são indispensáveis ao espectáculo) possam colocar em causa quer a estética quer a organização colectiva”.</p>

Categorias/ Entrevistado	Categoria D – Vitória – Derrota
PU1	
PU2	
J	

T1	
T2	
T3	<p>“A vitória e a derrota elas são resultados onde eu não consigo encontrar uma boa estética na derrota. Eu acredito que a estética, o prazer está ligado à vitória. Agora se for outro futebol onde eu não participo, onde estou isento, aí pouco me importa, quanto mais aberto, quanto mais golos, quanto mais ofensivas forem as duas equipas melhor”.</p>
T4	<p>“A derrota e a vitória são as duas faces da mesma moeda. Mas não são iguais. Normalmente a estética da derrota é uma estética que ninguém gosta de envergar. Encerra em si momentos de frustração, uma certa desmotivação de ter visto todo o trabalho cair por terra, encerra tristeza, angústias.</p> <p>A vitória, esteticamente a vitória, ainda que não merecida, é o contrário da derrota, Nós vemos vitórias, que apesar de o serem não são como o resultado demonstra. O melhor exemplo aconteceu com o Benfica, apesar de ter ganho houve uma sensação de frustração por toda a gente por acharam que a equipa em função do seu potencial colectivo e individual podia ter tido uma estética diferente. Se a equipa jogasse bem e tivesse vencido pelo mesmo resultado, ou seja esteticamente individual e colectivamente os jogadores do Benfica tivessem agradado, o mesmo resultado era capaz de ter sido aceitável. Mas assim não, esteticamente a equipa não agradou, as pessoas não gostaram daquilo que viram, e por ironia do destino uma vitória foi quase uma derrotam uma coisa perfeitamente banal atendendo ao desnível entre as duas equipas. Mas isto nem sempre acontece, acontece numa equipa da dimensão do Benfica, mas o mesmo resultado noutra equipa tinha leituras diferentes. Importa é ganhar, ganhamos, por isso tudo bem. Mas a estética da vitória não é isso. Para mim é muito mais importante a análise do contexto que a análise do produto, e a análise do contexto passa pela identificação do que esteticamente correu bem ou correu mal”.</p>

T5	<p>“Há estética da derrota. Ver uma equipa a comportar-se bem nesse momento, existe sensações boas de fair play, ser bem-educado transmite muito prazer a quem vê.</p> <p>Depois também a estética da vitória que é a estética da celebração, quando se faz o golo, quando se ganha o jogo”.</p> <p>“Acho que a estética é algo que nos transmite sensações de prazer. A estética está sempre ligada a uma harmonia. A harmonia da bola a chegar à rede, a harmonia de um passe e uma recepção, e o chute de 2ª para golo. E na celebração da vitória ou na derrota também há essas harmonias. Muitas vezes apoiamos uma equipa e não gostamos da outra. Muitas vezes a equipa de quem não gostamos ao longo do jogo perde e vemos os jogadores a abraçar-se e a apoiar-se mutuamente e até começamos a simpatizar. Neste sentido esta estética também nos transmite prazer. Apesar de ser um momento duro e os jogadores terem perdido, há alguma coisa que vem deles e nos transmite prazer”.</p>
T6	<p>“há uma boa performance ou uma má performance, uma boa estética ou uma má estética, que podem estar ligadas a um bom resultado ou a um mau resultado. Mas entendo que jogando-se melhor e assim colocando-se os valores estéticos do nosso modelo em prática estamos mais perto de vencer”.</p>